

A ESCOLA PRIMARIA

presta
cala-
lis-

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	” ”	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

“ A Escola Primaria ”	Correspondencia.
IDÉAS E FACTOS	Expediente.
Politica de Instrucção Pu- blica.	A ESCOLA
Pontos de vista.	Jonathas Serrano Educação moral e civica.
F. R.	F. Cabrita A lingua portugueza nas escolas primarias.
Zelia Jacy de Oliveira	Abilio de Barros Alencar Ainda um problema in- teressante.
Braune Ligeiras notas sobre os programmas das escolas primarias.	LIÇÕES E EXERCICIOS
Bibliographia.	

A ESCOLA PRIMARIA

Com o presente numero, inicia “A Escola Primaria” o sexto anno de sua existencia, vencendo obstaculos que só poderiam ser devidamente avaliados pelos que já tentassem tarefa analoga a que vimos desempenhando, sem medir sacrificios, nem receiar trabalhos e fadigas.

Folgamos em consignar o apoio que temos encontrado, tanto no seio do professorado, e do publico em geral, como da parte dos poderes publicos da União, dos Estados e dos Municipios, apoio sem o qual, certamente, não lograríamos alcançar os resultados efficazes, que temos colhido, quer na diffusão d’“A Escola Primaria”, quer no triumpho das idéas, em suas columnas lançadas e defendidas.

Seja-nos licito assignalar entre essas a convocação de um congresso de ensino primario e a indicação das theses referentes á federalização e á nacionalização do mesmo ensino, apontados por esta Revista como os mais relevantes a serem ventiladas em tal assembléa.

A reunião da Conferencia Interestadual de Ensino Primario, convocada por ordem do Exmo. Snr. Presidente da Republica, e as conclusões adoptadas pela mesma Conferencia a respeito daquellas theses, constituem justo motivo de desvanecimento para “A Escola Primaria”, que tambem teve a honra de tomar parte nos

trabalhos daquelle congresso, por distincção especial do Governo Federal, que a convidou a se fazer representar entre os delegados dos estados da União e do Districto Federal.

Igualmente registramos, com o maior desvanecimento, o apoio dispensado pelo Governo Federal á iniciativa desta revista para a commemoração do primeiro centenario da nossa independencia nas escolas primarias do Brasil, segundo um programma passivel de adopção em todos os recantos da nossa terra.

Si o apoio dos poderes publicos, a começar do mais alto magistrado da Nação, tem nos encorajado a proseguir em nossa cruzada em pról do causa da educação nacional, menos conforto não nos tem proporcionado a iniciativa privada em significativa demonstração de applauso e solidariedade, que, continuamente, nos chegam, das mais affastadas localidades da nossa patria, de orgãos da imprensa, do professorado, ou de simples particulares, que, com interesse, acompanham as questões nacionaes de alta relevancia.

Gratos aos encorajamentos recebidos até agora, procuraremos, cada vez mais, corresponder á confiança que elles traduzem, não poupando esforços para o desenvolvimento desta instituição.

I - IDÉAS E FACTOS

POLITICA DE INSTRUCCÃO PUBLICA

XI

O ensino da Historia

Quem investigar a influencia dos factores geographicos em nossa formação nacional, não pôde deixar de constatar, desde logo, as graves consequências da completa abstracção de qualquer critério geographico na primeira divisão territorial do nosso paiz. A delimitação das capitánias hereditárias não obedeceu, sequer, ao principio de equivalencia de areas, e muito menos cogitou das condições que facilitaríam ou difficultaríam a acção colonizadora dos seus respectivos donatários. Mas, não se resumiram na abstracção das condições geographicas do territorio os inconvenientes da tentativa da organização feudal da colonia do Brasil em capitánias hereditárias e autónomas.

“Os graves inconvenientes politicos que aquelle systema apresentava para o fim collimado, fazem-se sentir até hoje em nossa evolução nacional.

A prematura fragmentação do extenso territorio em elementos sem cohesão, e unicamente sujeitos á longínqua e reduzida autoridade real, não tardou em pôr em risco a integridade e segurança do todo, forçando á centralização politica da colonia pela criação de um governo geral. Mas, o desenvolvimento das capitánias, por anarchizado e imperfeito que fosse, já havia attingido a um gráo sufficiente para entreter o germen de um perenne antagonismo entre as tendencias autonomistas e as aspirações de unidade politica.

A nossa historia desenvolve-se, como muito bem observa João Ribeiro, na alternativa preponderancia, secularmente periodica, de uma e outra dessas duas correntes, que, se modificando no correr do tempo, prepararam a formação nacional.

As expansões autonomistas, reagindo contra a compressão centralizadora, desde que desapareciam as determinantes de maior estreitamento dos laços de união, mantiveram o equilibrio dinamico da evolução brasileira.

Foi por isso que a centralização, iniciada pela criação do governo geral e fortalecida, no seculo XVII, pelas contingencias da guerra hollandeza, longe de se incrementar, progressivamente se afrouxou no seculo XVIII, ao despertar o espirito das capitánias, sob o estímulo da exploração mineira.

Foi por isso que esse renascimento das tendencias autonomistas, orientando as aspirações da na-

cionalidade nascente para a separação politica da metropole, só se arrefeceu transitoriamente no seculo XIX, quando a independencia exigiu a unidade, para recrudescer logo depois, até a conquista da federação.” (1)

E' certo que essa alternativa preponderancia, das tendencias autonomistas e das aspirações de unidade politica, originada da divisão do Brasil em capitánias autónomas e das circumstancias que dictaram a subsequente criação de um governo geral para a colonia, teria contribuído para a formação nacional, sem maiores inconvenientes, si a viciosa divisão territorial das capitánias não tivesse preestabelecido a fatal decadencia de umas e inevitáveis antagonismos entre outros.

E' com effeito, na divisão territorial de Dom João III que devemos buscar o germen das oligarchias regionaes e “a absurda partilha do nosso paiz em irregular mosaico de grandes e pequenos Estados, desegualmente aquinhoados em terras, riquezas naturaes e população.” (2)

São patentes os males oriundos desse estado de coisas.

“Delle originou-se o contraste de Estados ricos e pobres, poderosos e fracos, acarretando a sujeição forçada de uns e o despotico predomínio dos outros.

Foi dahi que nasceu o falseamento dos principios basicos da federação, preparando e estimulando a corrupção politica, que menos se desenvolveu sob o regimen imperial sómente por que a centralização monarchica permittia ao poder central corrigir, até certo ponto, as desigualdades entre as forças politicas e os recursos economicos das diversas provincias.” (3)

Ao ser implantado o regimen republicano, houve quem, apercebendo-se dos perigos de tal situação num systema federativo, chamasse para o problema a attenção do chefe do governo provisório, concitando-o a valer-se do seu poder revolucionario para corrigir vicios de divisão territorial que o futuro só muito lentamente poderia eliminar. Foi José Julio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral, espirito profundo, que bem divisava o que escapava á percepção geral, mesmo entre os que mais aparelhados se achavam para o estudo dos grandes problemas nacionaes.

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral — José Bonifacio. Rio de Janeiro, 1917, pag. 10 e 11.

(2) Ob. cit. pag. 38. Nota IV.

(3) Ob. cit., pag. 38. Nota IV.

PONTOS DE VISTA

Pontos de vista ? Que cousa vaga ! Não me ocorre, porém, outro titulo para o que neste momento está fuzilando em meu cerebro.

Pobre cerebro ! Toda gente tem cerebro, e tão pouca gente se impressiona com as dôres alheia. Tem seu ponto de vista, e não se impressiona com o dos outros. Eu aflijo-me com o que vejo donde estou, e com o que os outros vêm donde estão. E, nesta afflicção, escrevo.

E', realmente, uma questão de ponto de vista a discordancia muito frequente entre paes e protectores de meninos que estudam e a outra class ede protetores dos mesmos meninos que são os respectivos professores.

O Pae quer que o menino estude; o Professor tambem.

O Pae deseja que o menino tenha boa reputação de estudante; o Professor tambem.

O Pae quer que o menino dê boas provas, e conquiste boas notas, e receba premios, e seja, finalmente, aprovado; o Professor não deseja mais nem menos do que isso, e para isso trabalha infatigavelmente.

Acontece, porém, que nem sempre o menino é bom estudante. O Professor nega-lhe então, as boas notas, em quanto o Pae nada lhe recusa: Si é rico, dá tudo que o menino pede; si é remediado, dá-lhe tudo que pode. O ano lectivo segue sua marcha; os mezes vão deslizando; o Professor gasta-se no esforço de prender a attenção do aluno, e de ministrar-lhe os conhecimentos da sua especialidade. E' o seu protetor mental. Não lhe dá que comer, não lhe dá que vestir, não lhe dá dinheiro para o bolsinho, que se esvae nas gulodices, nos cinemas e nos cigarros, conforme a idade; dá-lhe a alma, que é muito mais.

O Pae goza a vivacidade, as astucias, as relações, os prazes, as predileções e as antipatias do filho, sem se lembrar, como em geral os mortaes se não lembram, do Dia de Juizo.

O Dia do Juizo chega no fim de cada ano lectivo.

O Professor, tendo em vista, apenas, a sua missão — Ensinar, e a obrigação do aluno — Aprender, sóbe á cadeira de Juiz, e cumpre o seu dever, tomando contas: Que fizeste do tempo que o Tempo te deu? Que aproveitaste das lições que, seguida a metodicamente te deram? O bom estudante sente

que é a sua hora de “fazer figura”, e presta otimas contas. O que vadiou treme e calasse; ás vezes, conforme a indole, tenta disfarçar a ignorancia consciente e pezarosa.

O Juiz profere a sentença. Exulta de satisfação quando reconhece o saber de uns, e sente amarguras de fel declarando a outros que precisam renovar o estudo. Deixa tranquilo a cadeira de Magistrado em que temporariamente se desdobrou a do Magisterio, e tem cumprido o seu dever.

Os paes dos meninos aprovados neste julgamento nada agradecem, nem têm que agradecer. Os paes dos meninos que foram reprovados nem sempre se conformam, porém; e, si não discutem, lamentam a *severidade*. “Os Srs. Examinadores querem que os estudantes respondam como sabios...”

Novo ano lectivo; nova diligencia dos professores. Aggra a expectativa dos paes descontentes é outra. Um ano perdido é um insuccesso na existencia; as despezas de um ano perdido representam um grande baque na economia; nesse ano perdido o menino avançou para a maioridade. E', então, preciso impedir outro desastre. Como ?

Qualquer pessoa sabe que o modo de se resgatar o tempo perdido como estudante é estudar muito, sériamente, ininterruptamente; mas nem sempre o homem casado, chefe de familia, pôde compreender assim, proque um mundo de circumstancias domesticas lhe altera a intelligencia de governo. O mais certo é o menino não faltar a festas, nem a cinemas, passeios e liberdades: “Não se pôde totalmente prender um rapaz...”

E, quando chega o Dia do Juizo, as entradas dos estabelecimentos officiaes de Ensino onde funcionem comissões examinadoras, parecem-se com o escadario da Penha, em Domingo: ladeadas de pedintes, de chapeo na mão, cada um com a sua historia particular de uma desgraça que é indispensavel conjurar, aprovando o menino.

O Professor escrupuloso sóbe á cadeira de Juiz, e julga inflexivelmente. O seu ponto de vista é bem diferente do ponto de vista dos paes. Ambos amam o estudante; mas um não quer que elle *passe* sem saber, o outro não quer que elle *cresça* sem *passar*. E como o menino não pode deixar de crescer...

A maneira que o Examinador tem de exercer a misericordia solicitada é fazer justiça. E, fazendo justiça, não pôde aprovar os ignorantes. E os paes ficam indignados! Pontos de vista...

F. R.

LIGEIRAS NOTAS SOBRE OS PROGRAMMAS DAS ESCOLAS PRIMARIAS

A applicação cuidadosa que procuramos fazer dos programmas actuaes de ensino primario deu logar a observaões cuja divulgação terá talvez alguma utilidade.

Comparando os programmas anteriores com os actuaes, verifica-se que se pretendeu obter que os alumnos fizessem em 5 annos o que anteriormente faziam em 6 ou 7.

No desejo de restringir a 5 annos a duração do curso escolar, procurou-se, nos programmas, dar maior simplicidade á parte relativa a algumas materias, mas, na pratica, a projectada simplificação não tem sido attingida e era mesmo inattingivel, dentro dos termos com que os programmas indicam as materias a lecionar.

Sou exigente no estudo, sempre o fui comigo e continuo a pensar, por exemplo, que só deve passar de uma classe para outra o alumno que tenha conhecimento completo da materia estudada na anterior. Dadas as condições dos programmas actuaes, como proceder?

Não se diga que do programma constam 5 annos de curso mas que não ha necessidade do alumno concluir-o, nesse prazo!

Ora, isso não é plausivel, porquanto os programmas são sempre vencidos por uns alumnos e não por outros, mas o que é indiscutivel é que devem satisfazer aos mais favorecidos pela intelligencia e vontade e ainda aos médios, isto é, aos dois terços das turmas, pelo menos, o que, em absoluto, não se verificou com os actuaes.

Demais, si são feitos para os alumnos repetirem os annos, collocando-os e aos professores em posição difficil e desagradavel, continúa a Municipalidade onerada, porque o curso será, de facto, de 7 annos, e talvez de maior numero, pois o programma, inexequivel pelo seu desenvolvimento excessivo, desorganiza o ensino, tornando-o mais moroso e inefficaz.

Não argumentem com a idéa de se poderem simplificar os pontos de Sciencias physicas e naturaes, Geographia, e Historia; já antes elles deviam ser dados com simplicidade, desde que não fosse prejudicada a parte propriamente educativa e imprescindivel.

Tomemos a parte relativa ao estudo de nossa lingua. Não discutiremos aqui a extensão do programma relativamente ás noções grammaticas, dadas todas, sempre as mesmas, de ha muito, em todos os programmas, e ensinadas praticamente, pois não me consta exigissem os outros

programmas de modo mais complicado, pelo menos, desde que, com bons mestres, fiz meu curso primario e secundario, e até hoje, durante os annos que tenho de magisterio e que já sobem a mais de duas dezenas!

Tudo isso havemos de dar hoje, mesmo porque são noções indispensaveis. De um pouco menos ou um tanto mais se analyse logica tambem não vamos fazer questão, porque, da redacção dos programmas uns deduzem certos limites para essa parte e outros os excedem. Mas, como o alumno de comprehender o que lê e sem duvida alguma, naturalmente destrinçará os periodos que houver lido, pondo-os em ordem directa e encontrando para cada verbo o sujeito e o complemento. E tambem a mais não pode ser obrigado, pois assim já faz o que antigamente não se exigia em absoluto na idade em que elle está em nossas escolas!

Vamos agora a um dos pontos mais importantes: á redacção.

Ora, quanto a isso, seria curioso talvez compararmos provas de alumnos de escolas primarias de ha uns 15 annos com as de hoje ou talvez mesmo alguns da nossa Escola Normal ou de outros cursos secundarios com as dos alumnos das escolas primarias! Fomos cada vez exigindo mais, assim nos habituámos e, por signal, um bom habito, valha-nos isso! Mesmo hoje, em que o curso deve ser feito em 5 annos, trabalhos houve, e muitos, excellentes, nos nossos exames finaes. Provas de crianças, mas crianças mesmo, que nos offereciam agradavel leitura, e principalmente, correcção: periodos bem formados e todos comprehensíveis, certeza no emprego da crase, concordancia impeccavel, optima collocação de pronomes e acertado emprego do infinitivo.

Mas que falta? Não será tudo? A meu ver, é de admirar esse resultado, e creio não entrar nisto grande parte do optimismo que, graças a Deus, me torna feliz! Sim, é de admirar esse resultado, quando o alumno só o conseguiu praticamente e pelos exercicios repetidos de redacção, que fôram agora muito menos numerosos que em outras epocas, attento o numero de annos do curso (5), em que a criança deverá ter aprendido, desde a leitura e escripta das primeiras palavras, até a redacção sobre qualquer assumpto, expondo-o com criterio, com acertadas considerações e em forma correcta, servida por bom vocabulario.

E' para notar que, ao nascer a idéa e ser materializada pela palavra da criança, essa não pôde imaginar as difficuldades a que a conduzirá uma fórmula tomada casualmente pelo periodo que traçou. Simples é para quem conhece bem

as noções grammaticas e as questões sobre taes ou quaes pontos, levantadas pelos mestres da lingua, evitar uma fórmula discutivel ou que leve a alguma difficuldade maior. Mas como pôde a criança em pouco tempo de pratica conhecer os tropeços para delles fugir?

D'ahi ser naturalissimo o apparecimento de defeitos e erros em provas de alumnos de escolas primarias.

Passemos á Arithmetica. A criança aos 9 ou 10 annos, ao deixar o 3.º anno, deverá estar senhora do estudo da numeração.

Creio ninguem affirmará ser cousa pouca ou de somenos importancia, quando é evidente ser essa a base do estudo da Arithmetica e que por vezes desprezada faz dessa sciencia o phantasma horrendo de alguns estudantes!

Deve tambem o alumno então ter noção perfeita das varias operações, dos seus meios e fins. Naturalmente, não se refere o programma neste ponto ao ensino material das contas pelas taboas decoradas, causa de tantos soffrimentos a pobres crianças, mas a um estudo reflectido e applicado, como convém seja feito e o exige o proprio programma, pedindo questões praticas e problemas. Mas, essas operações serão dadas até o 3.º anno, não só sobre numeros inteiros, como sobre decimaes. E, qual de nós terá coragem de mandar a criança collocar materialmente a virgula em um resultado, sem fazel-o reflectir e procurar deduzir a regra? No 1.º caso lhe daríamos um conhecimento incompleto, defeituoso, e ella constantemente se enganaria nos calculos, como succede aos que assim aprenderam. Demais, quando se trata de dar o ensino de modo pratico, por meio de problemas, que melhor occasião haverá para resolver alguns que a offerecida pela deducção de regras, que, assim alcançadas, jámais serão esquecidas?

E tudo isso consome tempo e muito tempo, para ser bem feito, como sabe qualquer um que se haja algum dia dedicado ao ensino primario.

Não vamos a correr, porque, não nos fatigaremos nós, mas as crianças, é claro, ficarão extenuadas e além disso perdidas no caminho, pois seus passos não acompanharão os nossos!

Mas, não basta chegar até ahi. O alumno no 3.º anno, além de todos esses conhecimentos e mais os das tres primeiras medidas do systema metrico decimal, estudadas no 2.º anno muito praticamente, e só no 3.º, como applicação das fracções decimaes, deverá ficar ainda com o conhecimento completo das medidas de superficie, de suas relações, das conversões de umas em outras, resolvendo problemas sobre isso e até

problemas em que das superficies se deduzem perimetros e destes superficies!

Realmente, imaginados os casos varios a que dão logar esses conhecimentos, o vocabulario novo para a criança, conjunto de termos para nós simplissimos, porque lhes conhecemos as razões de ser, mas cuja insistente explicação se torna para ella indispensavel, verifica-se constituir tal estudo accumulou grande de materia. Será que devamos dar tão sómente ao alumno a nomenclatura das medidas de superficies, declarandolhe que variam "de 100 em 100", expressão exquisita e que pouco significa?!

Não, mostrar-lhe-emos a razão de conter cada medida 100 da immediatamente inferior e vice-versa e será necessario que todos os alumnos cheguem á certeza disto e o saibam demonstrar. Bastaria tambem, affirmar-lhe que são necessarias duas ordens para representar cada uma das unidades de superficie, sem lhe darmos o prazer intelligente e merecido de conhecer o motivo dessa asserção?

Parece ser claro que o vasto programma do 3.º anno só será bem aprendido por alumnos excepcionaes, o que não é, de maneira alguma, razoavel.

Será que me sinta já medrosa pela idade avançada no magisterio e queira ir mui vagarosamente? Creio bem que assim não seja, pois, sobre passos apressados e vacillantes *não só hoje* mas sempre, damos preferencia aos cadenciados e firmes.

E innumeradas são as provas vivas e eloquentes de que o ensino nessas condições é facil e de efeitos admiraveis. Annos mais tarde o individuo já adulto, nos diz risonho: "Como lembrome daquela aula em que cheguei a comprehender e alcançar esta ou aquella noção? Fiquei senhor della e, como Gallileu, seria capaz de defender a verdade, custasse o que custasse!"

E quanto de reflexão ganhou o alumno ao receber, assim, paulatina e convictamente, todas essas noções de Arithmetica. Parece, affirmaremos, sem medo de erro, que muito mais lucrou, mesmo, com a gymnastica cerebral, do que experimentou com o conhecimento alcançado.

E, por falta de tempo, por accumulou de materia, vamos deixar de dar a nossos alumnos cabedal tão precioso?

Sem algumas noções arithmeticas muitos problemas resolvemos na vida; sem reflexão e raciocinio nos entregariamos ao acaso. Seriamos "loucos", na opinião de Spencer.

No 3.º anno, ainda, deverá o alumno aprender os processos mentaes para resolver certos casos de multiplicação por 9, 19, 29, etc., por 5, 25 e 50,

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

Muito se engana quem prejulga o valor de um curso pelo desenvolvimento do programma das varias disciplinas, pela indicação dos compendios adoptados, ou por outras quaesquer circumstancias equivalentes. Seja embora verdade elementar, cumpre lembrar-a, porque não raro é esquecida na avaliação da efficiencia de certas obras: quem faz o curso, quem o torna mais ou menos efficaz, mediocre ou fecundo, é o docente.

Expliquemo-nos. Em certas disciplinas basta considerar a competencia profissional, o gráo de cultura, a capacidade intellectual do mestre, a pratica adquirida em longo exercicio, a boa applicação dos methodos mais modernos. Na educação moral e civica tudo isso é necessario, mas não sufficiente. Mais do que em qualquer outra disciplina, aqui faz-se mister seja o mestre moralmente apto a suggerir aos que o escutam as verdades ethicas, os principios patrioticos, as normas civicas. Como inculcar a necessidade do sacrificio do individuo ao bem da collectividade; como ter competencia para tratar das virtudes fundamentaes do cidadão, quando quem fala não é o exemplo vivo daquillo que está a repetir sem calor, sem convicção de que venha do intimo, mas só para encher o tempo de aula, simples phonographo animado, para não lhe dar mais severo qualificativo?

Haverá, porventura, quem supponha que um curso de educação moral e civica satisfaz seu elevadissimo escopo, quando, em cada feriado, se derrama o professor ou a professora em patriotico periodos, recheiados de adjectivos laudatorios dos vultos principaes da historia nacional? Será elogiando, apenas, o heroismo dos guerreiros, os actos de bravura nos campos de batalha, que conseguiremos despertar no animo juvenil o desejo de cooperar para a grandeza da Patria? E o heroismo obscuro, e a necessidade de realizar os sacrificios quotidianos na pratica do dever, sem toques de clarim nem rufos de tambores? E, como levar á alma infantil a convicção de que não ha, por minimo que seja, nenhum acto indifferente na vida humana? Afigura-se, talvez, paradoxo a quem

nunca reflectiu bem no assumpto, mas a verdade é que nesta disciplina, em rigor, não deveria haver programma; ou, quando muito, limitá-lo a indicações de caracter geral, a principios geraes de methodo, mas deixando ao docente ampla liberdade de desenvolver a materia segundo as oportunidades que se lhe deparam durante o curso. Como já dissemos, é aqui o mestre quem tudo propriamente faz, e dos minimos incidentes do meio póde tirar as mais proveitosas e interessantes lições. Bastará, para isso, que possua, não o aparelho tecnico das definições, das formulas decoradas, dos exemplos classicos; mas o thesouro dos sentimentos, das convicções radicadas, que o habilitam a descobrir em cada facto o seu aspecto moral, integrando-o na grande lição da vida. E' devido ao esquecimento destas verdades que em geral se considera a instrução moral e civica algo de inutil e pedantesco, sinão de fastidioso e hypnotico. Imagino o supplicio de um docente a desenvolver diante de uma turma distrahida ou somnolenta as suas considerações mais ou menos decoradas sobre a generosidade, ou o respeito aos superiores hierarchicos, ou os deveres do cidadão durante a paz. Como deve ser comprida essa hora de aula! E que allivio para todos o signal libertador! Os proprios discursos patrioticos, por muito repetidos, em formulas já sabidas, não impressionam, sinão enfaram. E, como temos verificado, muitas vezes, os mesmos que elogiam os grandes vultos do passado o fazem sem grande convicção.

O patriotismo não consiste em superlativar tudo o que é brasileiro. Como já affirmámos alhures, fôra deploravel equivoco admittir que um curso de historia do Brasil ou de educação moral e civica deva ser, da primeira á ultima lição, um panegyrico hyprebolico. Mesmo ás creanças, e principalmente ás crianças, cumpre dizer sempre a verdade. Tanto é indispensavel exaltar o heroismo quanto apontar erros e profligar injustiças. Traçando o perfil dos grandes vultos, não ha mister hypertrophial-os. Apresentemol-os quaes foram, humanos, falliveis, com suas sublimidades e fraquezas, e não como semideuses mythologicos. Apon-temos exemplos reaes, que *devem e podem*

ser imitados. Não saia da aula a criança a suppor que só foram grandes os que conquistaram ou destruíram; tenha, ao contrario, de sua Patria e de seus maiores uma noção calma e justa. Não quer isso dizer ensinemos a historia nacional ou tratemos de nossos deveres com a impassibilidade de quem ensina as quatro operações. Tenhamos entusiasmo, mas entusiasmo de quem estuda, raciocina, pondera e busca exactamente conhecer, nas lições do passado, os factores do presente, os legitimos interesses, os perigos possiveis, as esperanças razoaveis, e, principalmente, diante das necessidades da Patria, os nossos deveres de cidadãos.

JONATHAS SERRANO.

—):(—

A LINGUA PORTUGUEZA NAS ESCOLAS PRIMARIAS

Recebemos do nosso presado collaborador, o eminente professor Francisco Cabrita, a seguinte carta relativa a erros de composição dos seus artigos sob o titulo acima:

Rio, 8 de Fevereiro de 1922.

Illustre Sr. Redactor d'A Escola Primaria. — Toscanjava o revisor quando corrigiu as provas dos meus artigos insertos nos ns. 10 e 11 dessa revista. Salientarei os erros typographicos de maior vulto para esclare-

cimento de um ou outro leitor, paciente, que elles por acaso tenham tido.

Nas ultimas linhas do penultimo paragraho do primeiro artigo (2ª col. da pag. 350) lê-se: em homenagem á sua vontade plurisecular, conservemo-lo, dissylabo. Entretanto, eu havia escripto: em homenagem á sua vetustade plurisecular, conservemo-lo dissylabo.

No ultimo paragraho do mesmo artigo lê-se: O *porque*, synonymo de *para que*, tantas vezes encontrado nos *Lusiadas* e em quasi todas, serão todas, as obras classicas. Entretanto, no original deve estar: O *porque*, synonymo de *para que*, tantas vezes encontrado nos *Lusiadas* e em quasi todas, serão todas, as obras classicas.

No segundo artigo, o da pag. 352, quasi no fim da segunda columna, lê-se: por muito respeitavel que seja a parte desse crisma. Entretanto, no original deve estar: por muito respeitavel que seja a fonte dessa crisma.

No artigo de n. 11 (pg. 388, 1ª col.) lê-se: Portanto, não parece erro dizer-se que *produze é produz* por *paragoge*, ou vice-versa: *produze é* "a forma *apocope*" como diz Epiphanio. No original deve estar: é "a forma sem *apocope*".

Nesse artigo, nas duas ultimas columnas, apparece seis vezes o *por que* interrogativo desdobrado em *por que*, contra a minha despretenciosa opinião manifestada longamente no primeiro dos tres artigos, maltratados por cochilos do revisor.

Saudações do velho collaborador

F. CABRITA.

Parc-Royal

Especialidade em
Uniformes e Enxovaes
para todos os collegiaes

A maior e a melhor casa do Brasil

MAPPIN & WEBB Ltd.

100, Ouvidor

RIO DE JANEIRO

JOALHERIA

Prataria, «Prata Princeza»

Objectos de arte, etc.

AINDA UM PROBLEMA INTERESSANTE

Offerecemos linhas abaixo á petizada das escolas e a titulo de curiosidade, uma solução graphico-numerica de *um problema interessante*, problema este já do conhecimento dos leitores da "Escola Primaria".

SOLUÇÃO

Supponhamos que a idade do mais velho no presente seja representada por um quadrado dividido em 4 quadradinhos eguaes, ou 4 quartos. Consequentemente as diferentes idades, passada, presente e futura da 1ª e da 2ª pessoa, serão aqui também representadas por fracções do quadrado, isto é, por quadradinhos.

De accordo com a primeira parte do enunciado do problema, temõs:

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} = 2 \times \frac{2}{4} = 1 \text{ quadrado: "Eu tenho duas vezes"}$$

Presente

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = \frac{3}{4} \text{ do quadrado: "a idade que tu tens"}$$

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = \frac{3}{4} \text{ do quadrado: "quando eu tinha"}$$

Passado

$$\begin{array}{|c|} \hline \frac{1}{2} \\ \hline \frac{1}{2} \\ \hline \end{array} = \frac{2}{4} = \frac{1}{2} \text{ do quadrado: "a idade que tu tinhas"}$$

As idades intermediarias sómente podem ser representadas por 3 quadradinhos ou $3\frac{1}{4}$ de um quadrado, pois do contrario teriamos o absurdo, se fossem representadas

por 1, 2, ou 4 quadradinhos, — de uma mesma pessoa ter no presente uma idade igual ou inferior á idade que tinha no passado, o que é impossivel.

Diferença entre as idades presente e passada de cada pessoa:

Idades da 1ª pessoa no presente e passado:

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} - \begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = \boxed{\frac{1}{4}} = \text{diff.}$$

Idades da 2ª pessoa no presente e passado:

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} - \begin{array}{|c|} \hline \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} = \boxed{\frac{1}{4}} = \text{diff.}$$

Diferença entre as idade futura e presente de cada pessoa:

Idades da 2ª pessoa no futuro e presente

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} - \begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = \boxed{\frac{1}{4}} = \text{diff.}$$

Idades da 1ª pessoa no futuro e presente

$$\begin{array}{|c|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} - \begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} = \boxed{\frac{1}{4}} = \text{diff.}$$

Somma das idades no futuro: «Quando tu tiveres a idade que eu tenho»:

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array}; \text{ «a somma das nossas idades»}$$

ser á:

$$\begin{array}{|c|c|c|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = 108 \text{ annos.}$$

Do exposto se conhece: 1 quadradinho ou $\frac{1}{4}$ do quadrado (este quadrado como vimos representa a idade da 1ª pessoa no presente) é equivalente ao quociente de 108 por 9 que é o numero de quadradinhos da somma, ou 12 annos correspondentes a cada quadradinho.

Logo:

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \end{array} = 4 \times 12 = 48 \text{ annos, que é a}$$

idade da 1ª pessoa no presente (1917);

$$\begin{array}{|c|c|} \hline \frac{1}{4} & \frac{1}{4} \\ \hline \frac{1}{4} & \\ \hline \end{array} = 3 \times 12 = 36 \text{ annos, que é a}$$

idade da 2ª pessoa no presente (1917).

Conhecidas estas duas idades no presente, será facil determinar as épocas passada e futura que ainda pede o enumerado do problema.

Assim: a época passada foi em 1917 — (48 — 36) = 1905; a época futura será em 1917 + (48 — 36) = 1929. Manãos, Janeiro de 1922.

Abilio de Barros Alencar

O AMOR

Pelos filhos se prova dandi-lhes um tonico capaz de fazel-os fortes e sadios.

ARSENIODIUM

Não contem alcool nem oleo. Remedio heroico no tratamento do rachitismo, escrophulose, lymphatismo, crescimento exagerado, auemia, Torna as crianças sadias e bonitas.

Depositaríos: **Drogaria R. HESS**—7 de Setembro, 61, RIO

Ribeiro, Costa & C.

51, RUA S. JOSE, 51

Importadores de ferragens, oleos e tintas em geral.

Materiaes de construcção, tintas, carvão Cardiff e New-Castle, e artigos de electricidade

Telephone C. 4423

Rio de Janeiro

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Já tivemos ensejo de publicar (A Escola Primaria, anno 5º, n. 1, Fevereiro de 1921, pgs. 16 e 17) a justificação de um programma de instrução cívica, da lavra da distincta professora D. Maria R. Campos, sendo também publicados, posteriormente, não só o referido programma (N. 3, Abril de 1921, paginas 87 e 88) como as indicações referentes ao ensino dos 1º e 2º pontos (N. 5, Junho de 1921, pgs. 164 e 165), e do 3º ponto, (N. 6, Julho de 1921, pgs. 203). A materia do 4º ponto — O cidadão, seus deveres e direitos — já havia sido exposta (Anno 4º, ns. 11 e 12, Dezembro de 1920 e Janeiro de 1921, pgs. 238 e 239) bem como a do 5º ponto, relativa á Constituição e á lei (Anno 4º, Ns. 7 — 10, Agosto-Novembro de 1920, pgs. 188 e 189 e Anno 5º, n. 9, Outubro de 1921, pgs. 331) e a do 6º, referente á monarchia e republica (Anno 5º, n. 9, Outubro de 1921, pgs. 331).

Não foram, porém, publicadas as indicações relativas ao ensino dos 7º e 8º pontos do programma do 3º anno, nem, tão pouco, as concernentes aos diferentes pontos dos programmas dos 4º e 5º annos, cuja publicação iniciaremos no presente numero.

3º ANNO

7º Ponto — Organização politica do Brasil; governo federal ou da União, estadual e do Districto Federal. Os tres poderes em cada um delles.

Summario: O Brasil federação, cada Estado com seu governo proprio, mas subordinado ás leis geraes da União. O Districto Federal é como que um Estado á parte, mas pelo facto de aqui se achar o governo federal, não tem governo completamente independente. Temos, pois, no Brasil, tres especies de governo: da União, dos Estados e do Districto Federal. Ideia summaria da subdivisão do governo por tres poderes, e quaes as figuras principaes de cada um delles na União, nos Estados e no Districto Federal.

8º Ponto — Serviços publicos mantidos pelo governo no Districto Federal e na União. Seu custeio. Impostos.

O governo, para occorrer ás necessidades dos cidadãos, organisa uma série de serviços, que, como são para o bem geral, serão chamados publicos. Esses serviços são desempenhados por um grupo desses mesmos cidadãos, intitulados então funcionarios publicos.

Citar os principaes serviços a cargo da União, sem entrar em quaesquer explicações: correio, telegrapho, estradas de ferro, exercito e marinha, abastecimento d'agua, auxilio á agricultura, etc.

Outros serviços estão a cargo dos governos locaes. No Districto Federal, por exemplo: transportes urbanos (bondes), calçamento e limpeza das ruas, trato dos jardins e parques, telephones, etc.

Impostos — sua necessidade, como meio de que dispõe o governo para reunir em suas mãos quantias sufficientes para custear os serviços publicos. Dever de todo cidadão de pagar os impostos.

4º ANNO

1º Ponto — Monarchia e republica. Republica unitaria e federativa. O Brasil federação.

(Já explicado ao ser dado o identico de 3º anno).

2º Ponto — Organização politica do Brasil: governo da União, governo estadual, municipal e do Districto Federal. O governo mixto do Districto Federal. O Rio de Janeiro, capital da Republica, séde do governo da União e do Districto Federal. As capitaes dos Estados, sédes dos respectivos governos.

Summario — Os alumnos já trazem do 3º anno noções, que deverão ser ligeiramente desenvolvidas, dando-se-lhes agora a ideia de municipio, nova para elles. Explicar mais miudamente a organização politica do Distri-

cto Federal, fazendo vêr que a autonomia dos Estados, com seu principal dirigente eleito pelo povo, é muito mais ampla que a do Districto, onde o prefeito é nomeado pelo presidente da Republica. Razões disso.

Dizer que o Rio de Janeiro, como capital do Brasil, é séde do governo federal e explicar em que tal consiste. Ficando aqui a Prefeitura e suas principaes dependencias, é também séde do governo do Districto, como as capitaes dos Estados são séde dos respectivos governos.

MARIA DOS REIS CAMPOS.

—):(—

LINGUA MATERNA

1º ANNO

Principiantes

O 1º anno escolar deve estar, a meu vêr, dividido em duas turmas: a dos principiantes e a adiantada. A esta dão muitas vezes o nome de 2º anno atrazado.

Os exercicios de uma devem ser inteiramente diferentes dos da outra.

Hoje, tratarei apenas dos principiantes.

Deveria começar os exercicios pelo ensino das vogaes, mas, a esta hora, já devem estar sabidas, eis por que tomei como ponto de partida a letra V.

Penso que a escripta deve preceder a leitura e nunca se mudará de lição sem que aquella esteja bem aprendida.

A professora dará o valor phonetico da consoante por um ou varios desenhos feitos no quadro negro, por ex.: um vaso, uma vaquinha, uma vasoura, etc. Não dirá o nome da consoante. A fórmula graphica da letra deve ser a mais simples possível; a letra v poderá apresentar o seguinte formato — v. O professor traçará diversas no quadro negro dizendo aos alumnos: vamos fazer a letra com que se escrevem: vaso, vacca, etc.

Talvez julguem alguns collegas, um tanto plebéa minha maneira de falar ás creanças. Faço-o intencionalmente, sem fórmula rebuscada, baseada nos trechos do livro de Delou "Exercices e travaux pour les enfants, selon la methode et les procédés de Pestalozzi et de Froebel — pgs. 12 e 18 — La leçon intuitive est professé par le maître dans un langage approprié a l'age des élèves. Il enseigne l'art si difficile de se faire petit pour être compris des petits; de penser en enfant pour suivre la pensée infantine, en même temps qu'ou

pense en homme pour la diriger. (Refere-se a Pestalozzi).

Fallemos ás creanças em linguagem correcta porém simples, principalmente no primeiro periodo de vida escolar em que seu vocabulario é tão resumido. O estylo singelo não é incompativel com as regras grammaticaes e é o mais adequado á intelligencia infantil. A fórmula elegante virá aos poucos.

Quanto ao desenho feito no quadro será um meio mnemonico para as articulações e concorrerá para tornar attrahentes as aulas. Ninguem desconhece o gosto das creanças pelas estampas e figurinhas.

A meu vêr, os principiantes devem começar a escrever entre pautas, mesmo que para traçal-as seja preciso se servirem de uma regua. Limitando as primeiras letras escriptas entre duas linhas horizontaes, adquirem muito mais rapidamente perfeição e limpeza em seus trabalhos.

O professor fará a pauta no quadro negro, mandando que os alumnos o imitem em suas ardosias. Em seguida traçará dois typos de V; o de imprensa, junto aos desenhos, dizendo ser a letra dos livros, dos jornaes; o typo manuscripto, entre as pautas, mandando que os alumnos o imitem. Verificará, passeando entre as carteiras, si todos estão conseguindo imitar o mestre, indo em auxilio dos menos habéis.

Aquelles que reputam desnecessarios ou (quem sabe?) ridiculos estes exercicios, dados como treinamento ao ensino da leitura e da escripta, peço:

a) que leiam as obras de Pestalozzi e de seu discipulo Froebel, que se occuparam da educação da primeira infancia, achando dever começar aos 3 mezes!

b) que se lembrem de que os alumnos matriculados em nossas escolas, não receberam, na maioria, a menor parcella dessa educação, nem por meio de brinquedos intencionalmente escolhidos e dirigidos (conforme os Dons de Froebel) nem por meio de occupações também apropriadas. — Il est necessaire de former les enfants, et celá, dès le berceau, á l'usage ininterrompue de leurs facultés et de leurs forces". — Pestalozzi.

Ninguem adoptará hoje os trabalhos de Pestalozzi e Froebel taes quaes eram na sua origem; tuõ evolue e os discipulos desses dois grandes mestres foram adaptando ás circumstancias e á raça, as idéas maravilhosas dos dois maiores apostolos da Pedagogia, sem lhes tirar nada das homenagens devidas. Da mesma fórmula, sem a menor pretensão á gloria, sem vaidade estulta de crear uma novidade, tento facilitar ás creanças brasileiras o ensino simultaneo da leitura e da escripta, aconselhando que se lhes dê, logo ao come-

çarem sua vida escolar, trabalhos muito facéis e cujas difficuldades devem vir apparecendo em doses pequeninas.

A facilidade de apprehensão nas creanças de nossas escolas varia muito. Está em função principalmente do bairro e das adjacencias do predio. O professor terá, pois, que entrar com grande dose de individualidade para organizar os meios de obter a execução do programma.

Assim, no ensino das syllabas, sendo o V a 1ª consoante aqui ensinada, depende da intelligencia média da turma o poderem-se ensinar todas as syllabas na mesma lição.

Se os alumnos não forem bastante sagazes, é preferivel que se lhes ensine primeiramente a syllaba *va*, e, successivamente as outras.

O prazer despertado pelas aulas tem enorme influencia sobre o ensino infantil. A assiduidade, particularmente, está em absoluta dependencia do interesse da lição. Sem em nada prejudicar a disciplina, uma certa intimidade deve existir entre professor e alumnos. Contem-se-lhes anedoctas ao alcance da sua comprehensão e das quaes se possa tirar uma lição moral ou qualquer ensinamento.

A escripta de cada syllaba, pelo alumno, deverá ser precedida de leitura feita pelo professor, devendo este obrigar os alumnos a irem lendo mentalmente a syllaba emquanto a grapham. A differença entre o som da vogal accentuada e da não accentuada deve ir sendo estabelecida desde o começo. Os exercicios sobre syllabas devem ser muito repetidos e variados. O professor poderá escrevel-os, logo que os alumnos distingam os dois typos de caracteres e saibam graphar os manuscritos, na seguinte ordem *va-ve-vi-vo-vu* — em typo de fôrma, mandando que os alumnos os reproduzam em letra de mão; determinará o numero de linhas horizontaes a escrever, pedindo-lhes que colloquem as syllabas em columnas verticaes, dando assim um aspecto de ordem e capricho aos seus trabalinhos.

O maximo asseio e a maior perfeição na fôrma graphica deverão ser exigidos desde o inicio.

Fará depois um exercicio alternando as syllabas, mandando executal-o da mesma maneira que o precedente.

Virá depois um dictado de syllabas; chamará diversos alumnos, um de cada vez, para escreverem uma ou duas syllabas no quadro negro, emquanto os demais o imitam em suas ardosias.

Passará a um exercicio sobre palavras — *o-vo u-va a-ve*, (conservo até muito tarde a separação das syllabas para evitar a decoraçào), escrevendo no quadro, lendo e explicando á creança o sentido de cada uma dellas e verificando por meio de perguntas si os alumnos o estão compre-

hendendo. Perguntará por ex.: que é ovo, José? por que gostas de uva, Maria? Onde está escripta a palavra uva? E' a 1ª, a 2ª ou a 3ª? Venha mostral-a, Odette. Por que se diz que a gallinha é uma ave? Quaes são as aves que você conhece, Augusto?

O nome do alumno a quem se dirige a pergunta deve ser pronunciado no fim, para que toda a classe fique attenta.

Chamará alguns alumnos para lerem no quadro as palavras escriptas. A leitura deverá ser muito lenta e as vogaes dos diphtongos separadas — *vi-u, vo-u, u-i-va*. Em seguida fará dictado de palavras, como foi feito para as syllabas. Não me referi á escripta, porque já ficou explicada quando tratei das syllabas. Deve ser feita depois da leitura pelo professor e antes da do alumno.

Quanto aos processos de ensinar a lêr, tenho observado alguns que reputo inconvenientes, por ex.: 1º, chamar os alumnos para lerem na cartilha. Este processo é tão absurdo no ensino colectivo que nem merece ser commentado. 2º, mandar que a turma inteira leia em conjuncto as letras ou palavras que o professor vae apontando no quadro negro. Produz-se, por este modo, um vozeiro que, além de perturbar as classes vizinhas, não dá resultado, porque no meio de tal resonancia, de tal confusão, nem o professor pôde verificar si os alumnos estão lendo acertadamente e nem estes ouvirão a voz d'aquelle. O melhor processo, a meu vêr, é o seguinte: chamado um alumno, o professor vae mostrando as syllabas e aquelle as vae lendo, tão alto quanto possivel, para ser ouvido por seus collegas que, mentalmente, irão acompanhando a leitura. Chamará, em seguida, um outro. As creanças fazem sempre muita questão de ir ao quadro; não sendo possivel chamar toda a turma para um mesmo exercicio, o professor deverá chamar pela ordem. Aquelles que não forem chamados para um exercicio, o deverão ser para outros ou no dia immediato. Observando o adiantamento de cada um, occupar-se-á pessoalmente dos mais atrazadinhos, estabelecendo sempre a homogeneidade da turma. Virão, em seguida, os mesmos exercicios, com phrases curtas ou palavras ligadas por um connectivo, pois sendo conhecidos apenas poucos caracteres, é impossivel formar muitas phrases. Temos por ex.:

a a-ve e o o-vo
vo-vô vi-u a u-va

etc.

Quanto á questão de ter ou não o alumno a sua cartilha, penso que o prazer obtem mais na educação que os dogmas e a severidade. Um cidadãozinho de 7 annos fica tão orgulhoso possuindo um livrinho! Si contem estampas então repre-

senta para elle um thezouro! Por que não lhe dar esta satisfacção?

Uma cartilha custa poucos tostões; tendo todos a mesma, poderão ir nella acompanhando as lições de leitura e mesmo as copias de palavras e phrases, principalmente como recordação, poderão ser tiradas do livro, vindo isto em auxilio do professor que muitas vezes não terá tempo para organizar, no quadro, as suas phrases. A cartilha, comquanto não seja indispensavel, permite fazer o inicio da leitura em classe de outra maneira: o 1º alumno lerá, no seu livrinho a 1ª phrase; o 2º a phrase seguinte, até lerem a ultima. A leitura poderá ser repetida umas 3 vezes pelo mesmo processo. Não cansará o alumno educando-lhe ao mesmo tempo a attenção.

Julieta M. Silva Arruda.

—):(—

2º ANNO

Tendo em vista a distribuição do programma pelos mezes do anno, não poderei neste 1º mez de trabalhos escolares indicar um exercicio da série infinita e variada que se pôde organizar quando já decorridos uns tres mezes do anno lectivo. Tomo como assumpto a descripção e a interpretação de uma estampa.

Nas revistas, nos livros de leitura, encontramos grande numero dellas, que nos servirão para estes trabalhos. Ha tambem nas papelarias os postaes e os cadernos de desenho. Recommendô a collecção americana "Picture-Land-Father Tuck's", de onde se podem aproveitar quasi todas as estampas.

E' preciso porém que traduzam uma scena comica, moral, uma lição scientifica ou economica.

E' indispensavel que a gravura seja ingenua. Não levem a mal esta ultima observação; tenho ouvido cançonetas bem pouco recommendaveis, ensinadas nas escolas do Districto Federal e copias de modelos tomados para desenho, cujo sabor é bastante malicioso.

A estampa deverá ser collocada num ponto da sala, de onde possa ser vista por todos os alumnos.

O professor irá, por meio de perguntas, obrigando os alumnos a formar, com suas respostas, a descripção e a interpretação da scena. Assim: — que vês naquella estampa, José? — Uma menina. — Onde está a menina?; em casa, no jardim ou no campo?... Esta a beira de um regato, não é? Diga então: a menina está a beira de um regato. — Por que dizes ser um regato? — Porque ali estão: a agua, os caniços, as pedras, os patinhos nadando e tambem um sapo.

Da mesma fôrma, analyse com os alumnos, a côr da agua, a côr do céu, a altura da vegetação, as sombras que se projectas n'agua, recommendando-lhes que primeiramente falem do conjuncto de seres que formam o ambiente mencionando-os apenas. Em seguida passarão a analysar as creaturas mais importantes da scena, tendo o cuidado de escrever tudo que fôr possivel sobre uma para depois passar ás outras.

Para a interpretação da estampa, fará as mesmas perguntas: — A estampa representa alguma scena engraçada? — A quem aconteceu o episodio? — Aos patos, ao sapo ou á menina? — Que fazia alli a menina? — Por que se asustou? Que lhe resultou do susto?

Depois de analysada e interpretada a estampa o professor chamará os alumnos successivamente, indo escrever, cada um, uma phrase.

Não se admirem os collegas de que saia a primeira phrase em relação ao sapato ou ao chapéo da menina. Isto é commum na creança e ali está uma das partes essenciaes nos exercicios de redacção, isto é, obter do alumno a harmonia na successão dos assumptos.

A' proporção que os alumnos forem escrevendo as phrases no quadro, irão apparecendo os erros e as oportunidades para serem corrigidos. Lembro entretanto que, attendendo á pouca attenção de que é dotada a creança, deverá o professor deixar que escreva toda a phrase para não se atrapalhar. Em seguida chamará sua attenção para os erros de orthographia, de concordancia, etc. e a classe toda o auxiliará nesse trabalho de correção.

Para a aula seguinte poderá ser dado um exercicio inteiramente diverso. (Formação de phrases, dictado, citação de flôres ou de animaes, etc.)

No 3º dia poderá o alumno fazer, por si, no caderno de classe, a descripção e a interpretação da mesma estampa, á vista desta.

Dirão alguns collegas que este processo tolhe a individualidade do alumno. Não é verdade. Mesmo os que têm observação innata e facilidade em exprimir-a, não podem prescindir de uma orientação e aquelles que não foram, nesse sentido, favorecidos pela sorte, este processo ensinará a observar a julgar e a traduzir o juizo.

Julieta M. Silva Arruda.

—):(—

3º ANNO

Ensino dos verbos

Sendo o estudo do verbo uma das partes do programma do 3º anno e parecendo-me sobrema-

neira enfadonho o modo por que o fazem, que consiste, em geral, na copia repetida e na decoraçao dos tempos, tenho organizado, com resultado, alguns exercicios.

Escrevo, por exemplo, no quadro negro, periodos como este: quando eu era pequena (eu) gostava de brincar. Os alumnos irao mudando successivamente a pessoa do verbo, podendo cada um, escrever um periodo. Será aproveitada a occasiao para fazer observar o alumno a elegancia resultante da occultação do pronome pessoal, devendo este vir claro sómente quando a fórma verbal fór identica entre duas pessoas do mesmo tempo e para evitar confusão.

Citarei ainda outros periodos que podem ser dados para exercicio identico:

(Eu) provei d'aquelle doce e gostei. — Si eu me queixar serei perdoada? (Opportunidade para se distinguir *si* e *se*) — Si eu cortasse os cabellos ficaria feia? — Si o boi me atacasse eu correria. (Necessidade do empego do *eu* no segundo verbo, para clareza do sentido).

Nota — Um outro exercicio de redacção (uma carta, uma composicão), agradaria talvez mais como trabalho de 3º anno. Não faltará occasiao de escrever sobre todos elles, sendo entretanto a orientaçao a mesma seguida para o trabalho dado hoje para 2º anno.

Julietta M. Silva Arruda.

—): (—

4º ANNO

Graus de significacão do adjectivo

LEITURA

AO MEIO-DIA

“Que calor, santo Deus!

Já ha muitos dias que falha a trovoada da tarde, e o sol açoitava desapiadado os extensos e desabrigados taboleiros. A macega alta emmurcheceu por igual, tomando cor uniforme de um amarello claro, pintalgado de branco pelas espigas de capim que o vento foi deixando de pé, aqui, alli, em sua carreira caprichosa”.

(Do livro *Céo, Terra e Mar*, pag. 37)

Depois da leitura a professora explicará o sentido das palavras conhecidas e desconhecidas, fazendo exercicios de synonymia, e aproveitará o ensejo para estudar os *graus de significacão do adjectivo*.

Explicacão:

falha a trovoada — deixa de vir, falta, não se annunciou, como se esperava; homonymo perfeito — *falha*, no sentido de *racha, fenda, falta*; descuido, erro;

açõita — castiga (sentido figurado);

desapiadado — participio do verbo desapiadar-se; está empregado como adverbio, acompanhando o verbo *açõita*; sem piedade, sem compaixão, cruel;

taboleiros — planicies; tambem se diz de taboleiros: — peças de madeira ou metal com bordas levantadas: taboleiros de pão; quadros moveis apropriados para certos jogos: taboleiros de xadrez, de damas; intervallos entre um e outro lanço de algumas escadas: taboleiro da escada ou patamar, patim;

macega — herva daninha que nasce nos campos;

côr — palavra que tem duas fórmas — *côr* e *color*, e duas variedades de derivados: corar, corado, corante, coradouro, colorir, coloraçao, colorido, etc.;

uniforme — de uma só fórma, igual;

pintalgado — que tem pintas ou manchas, mesclado, sarapintado;

vento — ar em movimento; ventania, vendaval, furacão, temporal, viraçao, aragem, brica, zephiro, monção, etc.;

carreira — corrida, marcha.

Voltando ao trecho que já foi lido, encontramos na phrase: *A macega alta...* o adjectivo *alta*, que vae ser o ponto de partida da nossa lição.

Este adjectivo não soffreu nenhuma alteracão, está exprimindo puramente uma qualidade, assim como, *baixo, estreito, largo, bello, amavel*, etc.

Nestas condições se diz que o adjectivo está no *gráo positivo*.

Se modificarmos o adjectivo *alta*, afim de que possa representar uma qualidade confrontada, isto é, comparada com outra, diremos que está no

gráo comparativo.

Distinguimos tres graos de comparativos:

superioridade

inferioridade

egualdade

O *comparativo de superioridade* é obtido tomando-se o adjectivo sem alteracão, isto é, no gráo positivo, e antepondo-se-lhe a palavra *mais*.

Exs.:

João é *mais alto* do que Pedro.

Esta sala é *mais extensa* do que aquella.

Forma-se o *comparativo de inferioridade* an-

tepondo-se ao adjectivo, no gráo positivo, a palavra *menos*.

Exs.:

Mario é *menos intelligente* que Antonio.

O vidro é *menos* poroso que o barro.

Para formar-se o *comparativo de egualdade* basta antepôr ao adjectivo a palavra *tão*.

Exs.:

Este livro é *tão novo* como aquelle.

Maria está *tão alegre* como Antonia.

Ha ainda outro gráo de significacão do adjectivo:

o superlativo.

Este pôde ser *relativo* e *absoluto*, conforme exprime o mais alto gráo do adjectivo *relativamente*, isto é, *comparadamente* ou de um modo *absoluto*, não fazendo comparacão alguma.

O *superlativo relativo* forma-se com as palavras

mais e *menos*, precedidas de — *o, a, os, as*,

Exs.:

O *mais rico* dos homens é aquelle que *menos* deseja.

Os *menos adiantados* dos alumnos são os que *faltam* muito.

Acontecendo, porém, que o substantivo venha precedido de *artigo*, não mais será elle anteposto ás palavras *mais* e *menos*.

Exs.:

A menina *mais adiantada* da escola é aquella que *menos* falta.

O *superlativo absoluto* fórma-se por *composicão* e por *derivação*.

Por composicão, antepondo-se ao positivo a palavra *muito*.

Exs.:

Esta moça é *muito delicada*.

O Carnaval é uma festa *muito concorrida*.

Por derivação, empregam-se as terminacões *íssimo* e *imo*.

Exs.:

Este exercicio é *difficilimo* (muito difficil).

O Corcovado offerece-nos uma vista *belleissima* (muito bella).

Alguns adjectivos tomam a terminacão *errimo* na formacão do superlativo; assim temos:

asperrimo, miserrimo, pauperrimo, saluberrimo, etc., isto é:

muito aspero, muito misero, muito pobre, muito salubre, etc.

Sómente os adjectivos

bom, máo, pequeno, grande,

têm fórmas diversas para os comparativos e superlativos.

Assim vêm:

bom (positivo), *melhor* (comparativo), *optimo* (superlativo)

máo — *peior* — *peissimo*
pequeno — *menor* — *minimo*
grande — *maior* — *maximo*.

Ha ainda os casos de adjectivos não susceptiveis de graos:

os adjectivos *patrios* e *gentilicos*:

Exs.:

pernambucano, brasileiro, maranhense, etc.

Os que indicam rigorosa fórma geometrica:

Exs.:

quadrado, redondo, rectangular, etc.

os que designam a profissao do individuo:

Exs.:

medico, advogado, sapateiro, funileiro, etc.

os que dizem o estado da pessoa:

Exas.:

solteiro, casado, viuvo.

Os que indicam a religiao professada:

Exs.:

catholico, protestante, positivista, etc.

Os que assignalam a cor:

Exs.:

azul, verde, amarello, etc.

EXERCICIO ESCRITO

Substituir nas phrases, abaixo mencionadas, a fórma composta do superlativo pela fórma simples, erudita ou popular, chamando a professora a atencão dos alumnos para essas expressões — *erudita* e *popular*, cuja significacão ensinará.

Pedro é *muito amigo* dos livros, mas não despreza as distracções.

Os indigenas de hoje ainda conservam costumes *muito antigos* dos seus antepassados.

E' *muito difficil* a ascensao ao pico das Agulhas Negras.

Os calculos para as avaliacões dos juros são *muito simples*.

Muito sabias são as lições de cordura, tolerancia e resignacão, que recebemos de nossos paes.

Os automoveis percorem as ruas em carreiras *muito velozes*.

neira enfadonho o modo por que o fazem, que consiste, em geral, na copia repetida e na decoraçao dos tempos, tenho organizado, com resultado, alguns exercicios.

Escrevo, por exemplo, no quadro negro, periodos como este: quando eu era pequena (eu) gostava de brincar. Os alumnos irao mudando successivamente a pessoa do verbo, podendo cada um, escrever um periodo. Será aproveitada a occasiao para fazer observar o alumno a elegancia resultante da occultação do pronome pessoal, devendo este vir claro sómente quando a fórma verbal for identica entre duas pessoas do mesmo tempo e para evitar confusão.

Citarei ainda outros periodos que podem ser dados para exercicio identico:

(Eu) provei d'aquelle doce e gostei. — Si eu me queixar serei perdoada? (Opportunidade para se distinguir *si* e *se*) — Si eu cortasse os cabellos ficaria feia? — Si o boi me atacasse eu correria. (Necessidade do empego do *eu* no segundo verbo, para clareza do sentido).

Nota — Um outro exercicio de redacção (uma carta, uma composicão), agradaria talvez mais como trabalho de 3º anno. Não faltará occasiao de escrever sobre todos elles, sendo entretanto a orientaçao a mesma seguida para o trabalho dado hoje para 2º anno.

Julietta M. Silva Arruda.

—):(—

4º ANNO

Graus de significação do adjectivo

LEITURA

AO MEIO-DIA

“Que calor, santo Deus!

Já ha muitos dias que falha a trovoada da tarde, e o sol açoita desapiedado os extensos e desabrigados taboleiros. A macega alta emmurcheceu por igual, tomando côr uniforme de um amarello claro, pintalgado de branco pelas espigas de capim que o vento foi deixando de pé, aqui, alli, em sua carreira caprichosa”.

(Do livro *Céo, Terra e Mar*, pag. 37)

Depois da leitura a professora explicará o sentido das palavras conhecidas e desconhecidas, fazendo exercicios de synonymia, e aproveitará o ensejo para estudar os *graus de significação do adjectivo*.

Explicação:

falha a trovoada — deixa de vir, falta, não se annunciou, como se esperava; homonymo perfeito — *falha*, no sentido de *racha, fenda, falta*; descuido, erro;

açoita — castiga (sentido figurado);

desapiedado — participio do verbo desapiedar-se; está empregado como adverbio, acompanhando o verbo *açoita*; sem piedade, sem compaixão, cruel;

taboleiros — planicies; tambem se diz de taboleiros: — peças de madeira ou metal com bordas levantadas: taboleiros de pão; quadros moveis apropriados para certos jogos: taboleiros de xadrez, de damas; intervallos entre um e outro lanço de algumas escadas: taboleiro da escada ou patamar, patim;

macega — herva daninha que nasce nos campos; *côr* — palavra que tem duas fórmas — *côr* e *color*, e duas variedades de derivados: corar, corado, corante, coradouro, colorir, coloração, colorido, etc.;

unifórme — de uma só fórma, igual;

pintalgado — que tem pintas ou manchas, mesclado, sarapintado;

vento — ar em movimento; ventania, vendaval, furacão, temporal, viração, aragem, brica, zephiro, monção, etc.;

carreira — corrida, marcha.

Voltando ao trecho que já foi lido, encontramos na phrase: *A macega alta...* o adjectivo *alta*, que vaé ser o ponto de partida da nossa lição.

Este adjectivo não soffreu nenhuma alteraçao, está exprimindo puramente uma qualidade, assim como, *baixo, estreito, largo, bello, amavel*, etc.

Nestas condições se diz que o adjectivo está no *gráo positivo*.

Se modificarmos o adjectivo *alta*, afim de que possa representar uma qualidade confrontada, isto é, comparada com outra, diremos que está no

gráo comparativo.

Distinguimos tres graos de comparativos:

superioridade
inferioridade
egualdade

O *comparativo de superioridade* é obtido tomando-se o adjectivo sem alteraçao, isto é, no gráo positivo, e antepoando-se-lhe a palavra *mais*.

Exs.:

João é *mais alto* do que Pedro.

Esta sala é *mais extensa* do que aquella.

Forma-se o *comparativo de inferioridade* an-

tepondo-se ao adjectivo, no gráo positivo, a palavra *menos*.

Exs.:

Mario é *menos intelligente* que Antonio.

O vidro é *menos poroso* que o barro.

Para formar-se o *comparativo de egualdade* basta antepôr ao adjectivo a palavra *tão*.

Exs.:

Este livro é *tão novo* como aquelle.

Maria está *tão alegre* como Antonia.

Ha ainda outro gráo de significação do adjectivo:

o superlativo.

Este pôde ser *relativo* e *absoluto*, conforme exprime o mais alto gráo do adjectivo *relativamente*, isto é, *comparadamente* ou de um modo *absoluto*, não fazendo comparacão alguma.

O *superlativo relativo* forma-se com as palavras

mais e *menos*, precedidas de — *o, a, os, as*,

Exs.:

O *mais rico* dos homens é aquelle que menos deseja.

Os *menos adiantados* dos alumnos são os que *faltam* muito.

Acontecendo, porém, que o substantivo venha precedido de *artigo*, não mais será elle anteposto ás palavras *mais* e *menos*.

Exs.:

A menina *mais adiantada* da escola é aquella que menos falta.

O *superlativo absoluto* fórma-se por *composicão* e por *derivação*.

Por composicão, antepoando-se ao positivo a palavra *muito*.

Exs.:

Esta moça é *muito delicada*.

O Carnaval é uma festa *muito concorrida*.

Por derivação, empregam-se as terminações *issimo* e *imo*.

Exs.:

Este exercicio é *difficilimo* (muito difficil).

O Corcovado offerece-nos uma vista *bellissima* (muito bella).

Alguns adjectivos tomam a terminação *errimo* na formação do superlativo; assim temos:

asperissimo, miserissimo, pauperissimo, saluberissimo, etc., isto é:

muito aspero, muito misero, muito pobre, muito salubre, etc.

Sómente os adjectivos

bom, máo, pequeno, grande,

têm fórmas diversas para os comparativos e superlativos.

Assim vêm:

bom (positivo), *melhor* (comparativo), *optimo* (superlativo)

máo — *peior* — *peissimo*
pequeno — *menor* — *minimo*
grande — *maior* — *maximo*.

Ha ainda os casos de adjectivos não susceptiveis de graos:

os adjectivos *patrios* e *gentilicos*:

Exs.:

pernambucano, brasileiro, maranhense, etc.

Os que indicam rigorosa fórma geometrica:

Exs.:

quadrado, redondo, rectangular, etc.

os que designam a profissao do individuo:

Exs.:

medico, advogado, sapateiro, funileiro, etc.

os que dizem o estado da pessoa:

Exs.:

solteiro, casado, viuvo.

Os que indicam a religião professada:

Exs.:

catholico, protestante, positivista, etc.

Os que assignalam a côr:

Exs.:

azul, verde, amarello, etc.

EXERCICIO ESCRITO

Substituir nas phrases, abaixo mencionadas, a fórma composta do superlativo pela fórma simples, erudita ou popular, chamando a professora a attenção dos alumnos para essas expressões — *erudita* e *popular*, cuja significação ensinará.

Pedro é *muito amigo* dos livros, mas não despreza as distracções.

Os indigenas de hoje ainda conservam costumes *muito antigos* dos seus antepassados.

E' *muito difficil* a ascensao ao pico das Agulhas Negras.

Os calculos para as avaliacões dos juros são *muito simples*.

Muito sabias são as lições de cordura, tolerancia e resignação, que recebemos de nossos paes.

Os automoveis percorem as ruas em carreiras *muito velozes*.

As creaturas *muito amáveis* adquirem sympathias geraes.

Os cães são typos de animaes *muito fieis*.

As pessoas *muito pobres* necessitam da generosidade dos abastados.

Os alumnos descuidados e que se não applicam nos seus deveres, recebem sempre notas *muito más*.

America Xavier de Barros.

—):(—

5° ANNO

EXERCICIO ORAL

Composição das palavras

LEITURA

IBIAPABA

A serra de Ibiapaba levanta-se nos sertões das praias do Camoim, como uma tropa de camellos petrificados.

Seu corpo tem mais de quarenta leguas, e suas sinuosidades descem e remontam acima das nuvens; e nas mais altas o indio sente vertigens, baixando a vista aos nevoeiros em fórma de genuflexorios, que se dissipam lentamente.

(Do livro *Céo, Terra e Mar*, pag. 107).

Depois da leitura a professora explicará o sentido das expressões empregadas no trecho dado e, aproveitando a existencia de palavras compostas, ensinará os *modos de composição dos vocabulos*.

Ibiapaba — cordilheira que atravessa, de norte a sul, toda a parte occidental do Estado do Ceará, separando-o do Piahy; toma diversos nomes.

(Para maior clareza da explicação deve a professora esboçar, no quadro negro, o contorno do Brasil, traçando as linhas de separação dos Estados, pelo menos ao norte, e marcando a cordilheira do Ibiapaba e dos demais accidentes geographicos citados na lição).

Sertões — logares do interior; o coração das terras; diz-se tambem do matto distante da costa;

praias — orlas, beiras do mar;

Camocim — rio do Ceará que desce da serra do Ybiapaba, com 180 kilometros de curso, tendo

por afluentes o *Corcahú* e o *Itacolomy*, á direita e o *Cruz á esquerda*;

tropa — colectivo; porção de animaes que seguem para destinos diversos; soldados de cavallaria; exercito; agglomeração de gente; multidão; bando;

camellos — animaes quadrupedes, ruminantes, herbívoros, caracterisados por terem uma ou mais corcovas nas costas;

petrificados — palavra composta de — *pedra* (pedra), e *ficar*; que ficaram, que se tornaram como pedras; de formação erudita;

leguas — medida itineraria, sem uniformidade, variando de povo para povo; assim, em Portugal valia 5 kilometros; e no Brasil, 6;

sinuosidades — curvas, dobras, voltas, tortuosidades;

remontam — palavra composta de dous elementos — *re* e *montam*; que tornam a subir, a elevar-se aos montes, aos lugares altos;

indio — o mesmo que indiano; designa os habitantes da India, tambem chamados *indús*; impropriamente usado para designar os *indigenas* da America, porque, ao ser descoberto o Novo-Mundo, suppunham os descobridores que tinham chegado á India, pelo occidente; antiga moeda de prata, cunhada em memoria do descobridor da India;

vertigens — perturbações, tonturas de cabeça; deliquios; desmaios;

genuflexorios — estrados com encosto, em que se ajoelha para orar, resar; de formação erudita — *genu*, que quer dizer — joelho;

dissipam — dispersam, perdem.

Dentre as palavras cujo sentido acabámos de estudar, algumas houve — como *petrificados*, *remontam*, *genuflexorios* — que chamaremos *compostas*, e assim, a proposito dessas, expliquemos os diversos *modos de composição das palavras*.

A composição é a formação de palavras em que entram dous ou mais elementos, que se podem separar. Quando a composição se faz com clareza, isto é, quando os elementos destacados podem viver independentes, chama-se *juxtaposição*.

Sirvam de exemplos:

couve-flor, *matta-virgem*, *porco-espinho*, *penalta*, *ama-secca*, *dia-santo*, *quarta-feira*, *surdo-mudo*, *passaporte*, *conta-gottas*, *guarda-pó*, *porta-bandeira*, *parapeito*, *sacca-rolha*, *passatempo*, e muitas outras.

Quando os elementos separados não podem viver independentes, se diz que a composição é uma *agglutinação*.

Exemplos:

manobra (mão de obra), *fidalgo* (filho de algo),

vinagre (vinho acre), *sincero* (sem cêra) e outros.

Ha tambem a composição por *prefixação*.

Os *prefixos* são, em geral, preposições que antecedem uma palavra já existente, modificando-lhe o sentido.

Podem ser — *latinos*, *vernaculos* ou *gregos*.

Exs.:

antepôr Ω pôr antes

antipodas — pessoas que habitam logares da terra diametralmente oppostos

depennar — tirar as pennas

confôrme — que tem a mesma fórma

colligar — com + ligar — ajuntar, unir

perfeito — completamente acabado;

previdente — o que vê antes;

subdelegado — o que faz as vezes de delegado;

chronometro — (grego) — instrumento para medir o tempo;

democracia — (grego) — governo do povo;

cosmographia — (grego) — descrição do mundo;

thermometro — (grego) — instrumento destinado a medir o calor;

monosyllaba — (grego) — que tem uma só syllaba;

hemispherio — (grego) — metade da esphera;

kilometro — (grego) — distancia de mil metros;

polytechnica — (grego) — muitas sciencias.

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Carta:

Julio escreve ao seu amigo Ernesto desculpando-se de haver faltado á promessa de passar com elle um dia em Petropolis. Com o dinheiro destinado ao passeio, o generoso menino quiz consolar uma familia victima de uma grande desgraça. Descrever, em estylo conciso, a dôr da familia e a singular acção do prestimoso Julio.

America Xavier de Barros.

—):(—

GEOGRAPHIA

1.° ANNO

Local da escola, rua, quarteirão, bairro.

ORIENTAÇÃO

Em palestra com os alumnos, o professor perguntará a denominação da escola, o nome da rua em que ella se acha situada e a sua numeração, o que deve ser repetido por toda a classe e guardado de memoria.

Com esse fim, o mestre entreterá dialogos com os alumnos, de modo que elles incluam na resposta um desses conhecimentos.

Depois que elles estiverem firmes nisso, passará ao nome das ruas que formam o quarteirão, indagando das crianças quaes os predios importantes ahi encontrados e dizendo a sua utilidade, sempre com a preocupação unica de exercitar a observação da criança e corrigir a sua linguagem.

Indagando a moradia de cada um, o professor dirá, de um modo geral, onde todos moram, isto é, dará o nome do bairro, e, comparando-o com o predio escolar, dirá que a escola abriga, tambem, muitas crianças, que ahi se separam em salas e pelas carteiras, do mesmo modo que todos os collegas moram em tal bairro, alguns na mesma rua e cada um em sua casa.

Habitando-se a criança a alargar o horizonte de seu campo de observação, passando, gradativamente, da sala de aula ao bairro, ella chegará, na classe superior, a ter claramente a noção da Patria, esse todo que interessa a cada um de seus filhos.

2° ANNO

Traçado da planta da escola — *Traçado do quarteirão da escola, com a indicação do local da escola, de alguma fabrica ou edificio importante nelle encontrado*

ORIENTAÇÃO

Seguindo a mesma orientação que deu para o levantamento da planta da sala, traçará o professor a planta da escola, isto é, quatro linhas ou mais, conforme a regularidade do predio, indicarão as paredes anterior, posterior, lateral direita e lateral esquerda.

Depois dos alumnos terem bem comprehendido que as paredes representam as linhas traçadas, inicie o professor a divisão do polygono, pela entrada principal do predio, para o que é necessario que todos os alumnos o conheçam muito bem; no caso de tal se não dar, é preciso que o professor os leve a percorrer as diversas salas de aula, corredores, etc. Uma vez feita a planta da escola serão os traçados interrompidos, nos logares convenientes, para indicação das portas e janellas.

Como o primeiro, esse estudo deve ser feito em varias lições e nelle os alumnos devem tomar parte muito activa, apenas o professor os guiará por meio de perguntas, ao mesmo tempo que fôr traçando no quadro negro as linhas que elles reproduzirão em seus blocos

Traçando duas linhas parallelas, o professor

figurará a rua em que está a escola, cujo nome será declinado para ser repetido por todos da classe, depois, localizando ali a escola por um quadrado ou rectangulo, segundo a fórma approximada do predio, dará o numero, que tambem deverá ser retido pela criança.

O local de outros predios importantes existentes na mesma rua deverá ser assinalado por um ponto, assim como o da casa dos alumnos que ali residirem. Outras linhas paralelas marcarão as ruas que formam o quarteirão da escola, nas quaes será assinalado, como nas primeiras, o que houver que interesse a todos ou a cada um em particular.

3º ANNO

A terra, sua fórma e movimentos

ORIENTAÇÃO

A TERRA, SUA FÓRMA

Torna-se indispensavel, nesta aula, um globo.

E' mostrando á classe a esphera terrestre que o professor dirá a seus alumnos: "A terra tem esta fórma, e, pois, redonda como uma bola". Isto não constituirá novidade, porque já no segundo anno esta mesma verdade lhes foi revelada.

Muitas crianças, quando ouvem dizer que a terra é uma esphera, não têm a menor duvida em acreditar-o, porque julgam vêr na abobada celeste a curvatura de sua superficie, suppondo que habitam o interior do globo; ao passo que costumam a crêr que a parte habitada, isto é, a crosta terrestre, seja curva, porque ella se lhes parece plana, si estão numa planicie e accidentada, si estão numa região montanhosa. Tambem não podem comprehender porque não se desprendem della e se movem livremente.

Com o auxílio de desenhos feitos no quadro negro ou de gravuras, o professor citará provas que os convençam dessas duas verdades.

Para explicar-lhes a razão porque, sendo a terra habitada em toda a sua extensão, os seres e os objectos existentes em sua superficie della não se desprendem, sirva-se o professor de um iman; mostrando-lhes que, assim como o iman attrae as limalhas de ferro, agulhas, pennas, etc., assim tambem a terra exerce attracção sobre os corpos. Prove, atirando pequenos objectos ao ar, os quaes voltam á terra, seguindo todos a mesma direcção, isto é, a vertical, ou a de um fio de prumo; prove-o, ainda, empregando esforços para levantar objectos pesados, como o emprega para desprender as limalhas presas ao iman. Mostre-lhes que todas as linhas percorridas pelos objectos, sendo prolonga-

das, iriam ter ao centro da terra; e mostre-lhes que, para cada ponto da terra, a direcção da quêda varia, refernido-se, então, aos antipodas.

Assim, facilmente, agora, os alumnos comprehenderão como a propria terra, sujeita á attracção de outros corpos, se mantem isolada no espaço.

Completando essas noções, o professor falar-lhes-á da atmosphaera, seu papel e composição e do espaço, onde vemos o sol, a lua e as estrellas.

Finalmente, é preciso provar que a terra é redonda, e citando as provas dessa redondeza, referir-se, á viagem de Fernando de Magalhães, dando a origem do metro, quando disser que esta grande bola já foi medida.

MOVIMENTOS DA TERRA

Interpellando, ora um alumno, ora outro, o professor recordará o que lhes foi ensinado, no primeiro anno, sobre o que se vê no céu durante o dia e durante a noite; e, de observação em observação, chegarão os alumnos á conclusão do movimento apparente dos astros em torno da terra, no espaço de vinte e quatro horas. E' preciso dissuadir-lhes dessa illusão, provando-lhes que a terra é que gira em torno de si mesma, fazendo-nos passar á vista desses astros. Para isso mostre-lhes, por varios, exemplos, que, quando estamos em movimento, a pé, a cavallo, em carro, em automovel, em bonde ou em trem, os objectos que nos acompanham parecem immoveis, a ponto de, só olhando para estes, não percebermos o movimento, ao passo que as arvores, os predios e outros objectos immoveis que nos cercam, parecem mover-se em sentido contrario.

Concluindo essa demonstração e tendo sempre em consideração que as crianças difficilmente se convencem, por parecer inverosimil, que a terra gire com tudo que ha sobre a sua superficie, inclusive ellas proprias, o professor lhes dirá que esse movimento é o chamado de *rotação* e que a linha imaginaria em torno da qual ella gira é o *eixo da terra*.

Collocando, então, o globo terraqueo em face de uma vela ou lampada, accesa, depois de fechadas as portas e janellas da sala de aula, chame-lhes o professor a attenção para a illuminação do globo. Facilmente elles observarão que só um dos hemispherios se acha illuminado, devido á redondeza da terra; e que, portanto, suppondo o fóco luminoso o sol, e o globo a terra, para os habitantes do hemispherio, que recebe luz, é dia, para os do outro é noite. Observe-lhes, ainda, que os dias e as noites seriam eternos em cada hemispherio, si não fosse o movimento de rotação da terra.

Fazendo, então, girar o globo e fitando um dos pontos da esphera, os alumnos observarão que, alternadamente, esse ponto recebe luz e entra no hemispherio obscuro, dando-se a successão dos dias e das noites, no espaço de tempo que se chama dia, dividido em 24 partes iguaes denominadas horas, que, por sua vez, se subdividem em 60 minutos e estes em 60 segundos. Fazendo o globo girar, no sentido em que gira a terra, isto é, da esquerda para a direita, pergunte-lhes qual deverá ser a direcção seguida apparentemente pelos astros.

Uma vez sabido que elles seguem direcção opposta e constante, passe o professor a falar dos pontos cardeaes e collateraes, dos meios de orientação, da utilidade de conhecê-los e de sua representação no mappa. A lição tornar-se-á animada e interessante, dirigindo-se aos alumnos perguntas como estas. "Partindo daqui, da escola, que direcção deveríamos seguir para ir á igreja tal, á fabrica tal, á tal ou qual montanha? E, partindo de suas casas, todos tomariam o mesmo rumo? Por exemplo: F., que móra em tal rua, e S., em tal, para chegar á praça... (que fica entre as duas ruas citadas) podem seguir, ambos, a mesma direcção?"

Assim arguindo, suppõe-se que a classe toda conheça o programma do segundo anno, principalmente os pontos-arredores da escola e do Rio de Janeiro.

O professor terminará a lição dizendo que a figura, que representa as direcções, se chama rosa dos ventos, a qual elle deverá traçar a giz de côres no quadro-negro, para ser reproduzida pelos alumnos nos cadernos de desenho.

Observação — Apezar de achar que, raramente, é possível dar-se na escola primaria uma explicação sem desenho, até mesmo quando nos servimos de gravuras, sou contraria ao uso de colleccionar desenhos em cadernos especiaes, com o fim de figurar em exposições. Esses cadernos são inuteis aos estudantes, porque devem ser bem guardados para que não se estraguem, e constituem para o professor um trabalho exhaustivo e fastidioso. Os cadernos a que me refiro devem ser cuidados como do material escolar; devem ser revistados na occasião do exercicio, pelo professor, mas guardados com os seus proprios donos, para, á medida que as lições forem sendo recordadas, elles delles se servirem. Quando muito, poderá haver um caderno colectivo.

Para tratar do movimento de translação da terra, o professor ainda recorrerá á observação dos alumnos.

De certo a nenhum occorreu a idéa de observar a posição do sol no nascente ou no poente, mas, chamando-lhes a attenção, diga-lhes: "Hoje, á

tarde, ou amanhã, pela manhã, vejam em que ponto do horizonte o sol se esconde e marquem esse logar relativamente a uma arvore, a um predio ou montanha; assim façam durante alguns dias e verão que o ponto, em que o sol desapparece ou surge, é variavel.

Então o sol muda de logar? Não; ainda é uma illusão nossa.

Vejamos o que acontece quando temos um poste á nossa frente: á medida que mudamos de posição elle occulta, successivamente, cousas diferentes, correspondendo a diversos pontos do horizonte. O mesmo acontece com o sol e a terra: — aquelle é fixo e este gira em torno d'elle.

Traçando no quadro-negro o caminho percorrido pela terra, chamado orbita, — dous circulos que representem o sol e a terra, o professor, dirá que o espaço de tempo, que a terra gasta nesse percurso, se chama anno, fazendo a distincção entre anno civil e commercial e a sua divisão em mezes e semanas; fará algumas ligeiras considerações sobre o problema do calendario, detendo-se na exposição do calendario Juliano e da reforma Gregoriana, afim de explicar a razão de ser do anno bissexto.

4º ANNO

O globo — Linhas e circulos do globo — Latitude e longitude — Zonas e clima — Distribuição da vida na terra — O homem — Raças (typos principaes) — Distribuição e gráo de cultura.

ORIENTAÇÃO

As lições dos annos anteriores referentes á terra — fórma e movimentos — devem ser recordadas antes de ser iniciado o programma do quarto anno.

Depois do professor explicar a razão por que convém, se suppor a superficie terrestre cortada por circulos imaginarios, deve citá-los, a partir do equador, mostrando-os no globo e fazendo com que os alumnos tambem os indiquem percorrendo com o dedo cada linha.

Todos os circulos, que cortarem o Brasil, devem ser mostrados tambem no mappa do nosso paiz, citando-se os Estados por que elles passam.

Depois que os alumnos conhecerem bem os parallelos e distinguirem perfeitamente o hemispherio norte do sul, devem fazer em seus cadernos de desenho dois semicirculos, que representarão a terra cortada segundo o plano do equador.

O equador, os tropicos e os circulos devem ser feitos com traços mais fortes que os outros parallelos, que poderão ser traçados de 15 em 15

grãos. Para que os semi-círculos dêem idéa de hemisphérios, convêm serem ligeiramente sombreados. Em seguida, serão estudados os meridianos, fazendo o professor referencia a mais de um meridiano de origem adoptados.

Suppondo, agora, a terra cortada segundo um meridiano de origem, façam os alumnos dois semi-círculos, que representarão os hemisphérios occidental e oriental, e nelles tracem alguns meridianos, tambem, de 15 em 15 grãos. Bem apprehendidos esses conhecimentos, facil será o estudo das coordenadas geographicas

Por meio de um rectangulo quadriculado com o mesmo numero de linhas que, nos ultimos desenhos, representavam os parallelos e os meridianos, de modo que a linha que o divide ao meio no sentido do comprimento seja considerada o equador, e a outra, tambem do meio, mas perpendicular á primeira, o meridiano de origem, faça o professor innumerous exercicios, mandando um alumno localizar a cidade A, sabendo-se que a sua latitude é... e a longitude...; outro a cidade B, etc.

Traçando as crianças esse mesmo rectangulo nos cadernos e considerando o meridiano de origem o do Rio de Janeiro, localizem cidades como Porto-Alegre, Madrid, etc., cuja latitude e longitude serão dictadas pelo mestre

O estudo das zonas e do clima deverá ser feito do seguinte modo :

Em palestra com os alumnos, indagará o professor si todos os habitante da terra vestem-se do mesmo modo e si têm os mesmos habitos. A maior parte, de certo, saberá que não, por já conhecer estampas e ter visto fitas cinematographicas das regiões polares. No entanto, para que todos tenham esse mesmo conhecimento, o professor tambem mostrará estampas e, na falta dessas, descreverá vestimentas, habitações, costumes, etc., dos habitantes das regiões frias, comparando-as com os nossos. Para lhes explicar essa differença de temperatura, faça-os observar a variação do calor no decorrer do dia e no passar a mão em torno qualquer fonte luminosa. Elles, de certo, dirão, que a hora mais quente do dia é aquella em que o sol está a pino, chamada meio-dia, e que a mão sente mais calor quando passa exactamente sobre a vela; donde concluirão que os raios luminosos perpendiculares emittem mais calor que os obliquos.

Assim sendo, a zona do equador é a mais quente, decrescendo a temperatura no sentido dos polos.

A localização das zonas deve ser feita em um círculo, que representará o globo, onde serão traçados apenas o equador e os parallelos principaes.

As faixas que representarem as zonas devem ter colorações diversas uma das outras, porque não só o desenho colorido causa maior prazer á criança, como as cores apropriadas lhes lembrarão melhor a temperatura media de cada zona.

Para o estudo do clima, o professor considere duas cidades situadas na mesma zona e que a maior parte dos alumnos conheçam, como a do Rio de Janeiro e a de Petropolis, e pergunte-lhes a razão de ser esta preferida áquella no verão. Alguns, que tiverem ido a Petropolis, saberão que esta cidade se acha numa serra, donde concluirão que a altitude influe na temperatura. Assim, por meio de perguntas e respostas, serão conhecidas outras causas, que influem no clima, como a visinhança do mar e das montanhas e a acção dos ventos; concluindo-se a sua divisão em clima frio, temperado, ou quente; humido ou secco; maritimo ou continental.

A distribuição da vida na terra deve ser dada de modo que as crianças comprehendam que, sem calor, luz e humidade, não ha vida.

Para isso, indague o professor de alguma criança, que aconteceria se ella abandonasse num canteiro, onde o sol não batesse, uma planta. De certo, ella responderá que a plantinha morreria, pela falta do sol. "Mas, pergunte-lhe, ainda, o professor, si deixando-a sempre ao sol, sem regal-a, ella resistiria?" Ainda negativa seria a resposta da criança, accrescentando que ahi a morte seria causada pela falta d'agua, da humidade.

E' inutil o professor desejar que os alumnos retenham as listas de nomes de animaes e plantas proprias de cada zona; deve contentar-se com localizar um ou outro que elles conheçam, e, si lhe fór possivel, mostrar paizagens de cada zona e estampas de animaes.

Recordando a situação do Brasil, o professor mostrará que elle, abrangendo as regiões mais exuberantes, dispõe de enormes riquezas animaes, vegetaes e mineraes, as quaes serão enumeradas, sendo tambem determinadas as zonas productoras do nosso paiz e as suas grandes culturas.

5º ANNO

O Brasil — Estudo comparativo entre os Estados quanto á superficie, população, condições economicas, industriaes e commerciaes — Estudo comparativo entre o Brasil e outros paizes do globo

ORIENTAÇÃO

A' vista do mappa do Brasil, o professor recordará a divisão administrativa do nosso paiz, e a

sua situação, perguntando, apenas, aos alumnos que Estados são cortados pelo Equador e pelo Tropico de Capricornio; consequentemente, por que zonas elle se estende.

Observando ainda o mappa, leve os alumnos a comparar os Estados, quanto á superficie, formando tres grupos: os que se destacam pela grandeza territorial, os que têm mais ou menos a mesma superficie e os que são menores, podendo mesmo estabelecer comparação entre elles e os paizes importantes da Europa.

Diga-lhes: que nem sempre o territorio mais vasto é o que conta maior numero de habitantes e, em palestra, faça-os concluir as razões disso: que a relação entre o numero de habitantes e a extensão territorial é o que se chama população relativa; e quaes dos Estados brasileiros os mais populosos.

Como as condições economicas, a industria e o commercio, são consequentes das mesmas razões por que se dá a affluencia de habitante, isto é., do clima, da uberidade da terra e dos meios de comunicação, as crianças deduzirão quaes os Estados mais adeantados, os mais ricos e os meios de que o Brasil deve lançar mão, para que todos os seus Estados progredam, utilizando-se dos recursos com que a Natureza os dotou.

Recorde as produções e os meios de comunicação de cada região, destacando o Estado que mais produz.

O estudo comparativo entre o Brasil e outros paizes do globo deve ser feito, como todo estudo de geographia, á vista do mappa, nesse caso, o planispherio, para que o alumno verifique a relação de grandeza territorial que torna o nosso paiz superior a todos, até mesmo á China e aos Estados Unidos, visto ser um terço das areas dos dous ultimos pouco aproveitavel.

Mas,, já que a importancia de um paiz não é resultante, sómente, de sua extensão e sim, antes, de suas produções, industria e de seu commercio, é preciso destacar as nossas zonas productoras, cujos dados devem ser verificados e actuaes. Em tratando do café, nossa maior fonte de riqueza, mostrará o professor a sua zona productora e dirá quaes os nossos maiores consumidores; não será demasiado mostrar a gravura de um cafezal e de um cafeeiro, e dizer do preparo do café. Passando á borracha, fará as mesmas referencias: recordando a lição dada no quarto anno, e accrescentando a causa da desvalorização actual desse nosso producto, cuja cultura, entretanto, não deve ser abandonada por se ter verificado que nenhuma borracha, em qualidade, suplantará a nossa.

Merece os mesmos esclarecimentos o estudo das

culturas da canna de assucar e do cacáo, e da criação de gado, para que o alumno comprehenda a necessidade que temos de augmentar essas produções e de que meios devemos lançar mão, para tal conseguir, pois o Brasil, quando os seus sertões podem ser habitados, graças á civilização dos indios e á construcção de estradas de ferro, transpondo montanhas e vencendo os obstaculos das cachoeiras, tem condições extraordinarias para fazer concorrência aos Estados Unidos, á Argentina e á Australia, principalmente no mercado de carne do mundo inteiro. Resta-nos ainda falar, com especial cuidado, do cultivo do algodão, seguindo a mesma orientação pedagogica, e da expartação de minerios como o manganez. Uma vez estudados os principaes productos de exportação, tratará o professor dos que importamos e quaes os nossos principaes fornecedores, quer na America, quer na Europa.

Tratando de productos manufacturados, citará o professor os paizes que nol-os enviam e as nossas materias primas que entram em taes confeções.

Baseando esse estudo no que foi aprendido no quarto anno, quando foram estudadas as grandes culturas do Brasil, o professor não só conseguirá que o alumno tenha grande interesse na lição que elle proprio desenvolverá, respondendo com acerto ás perguntas, que o mestre lhe fizer, como que faça idéa, pelo que de novo estiver aprendendo, do logar que, entre os outros paizes do globo, ao Brasil está reservado pelas suas condições naturaes e pelo esforço e trabalho de seus filhos.

C. PIQUET.

—):(—

HISTORIA

2º ANNO

Feriado de 15 de Novembro

Não póde pretender a professora que possam as criancinhas desta classe definir fórmulas de governo, cousas pouco comprehendidas pela infancia, mas não deve tambem se referir á Proclamação da Republica sem falar clara, embora summariamente, como foi governado o Brasil e como o é actualmente.

Palestrando com os seus alumnos, indagará a nacionalidade de cada um e os fará reconhecer que entre os nascidos nos diversos pontos do Brasil — e é a maioria — ha os naturaes de Portugal, França, Italia, etc.,

e que todos vivem em perfeita harmonia, na mesma classe da escola, apesar das diferenças de costumes, de educação e até de linguas que falam, muitas vezes.

Faça notar que a *ordem* fez chegar a esse resultado e que ella se obtem quando todos obedecem a chefes que sabem dirigir ou governar. Os paes, governando bem a casa, obtem *ordem*; os mestres, que dirigem bem a escola, nella obtem *ordem*. Necessidade de governo.

Os Brasileiros são como irmãos, são membros de uma grande familia e habitam uma immensa casa — a Republica dos Estados Unidos do Brasil. Fale no actual Presidente da Republica, no tempo que dura o mandato do Chefe da Nação. Faça saber que ha povos dos quaes o chefe — rei ou imperador — governa durante toda a vida, verdadeira desgraça, quando elle é máo; que o Brasil já teve *imperador*, mas foi preferida a Republica, obtida a 15 de Novembro de 1889.

Razões para o feriado e festas civicas a que devemos comparecer sempre.

3º ANNO

A cidade do Rio de Janeiro — Como é governado o Brasil

Não se limite a professora a falar que o Rio de Janeiro é a séde do governo da Republica ou a capital do Brasil; converse minuciosamente sobre essa cidade, pois o ensino da Historia nos proporciona o mais seguro meio de dar conhecimentos geographicos que difficilmente se desvanecerão. Mostre mappas, plantas, photographias dos diversos pontos da cidade, a mais importante do Brasil e talvez da America do Sul tambem, porto magnifico á margem de grande bahia, a mais bella do mundo.

Faça ligeiras referencias á fundação da cidade, ao seu fundador, cujos restos acabam de ser transferidos, ao morro do Castello, que se arraza presentemente. Refira-se ao desenvolvimento da cidade, aos progressos destes ultimos cem annos. Diga por que é o Rio de Janeiro a *capital* do Brasil e por quem é exercido o *governo*.

O Presidente da Republica e o Congresso — Camara e Senado. O poder que faz as leis — Poder legislativo; o que as executa — Poder executivo. Membros desses Pode-

res: senadores e deputados; o presidente, os ministros e funcionarios.

4º ANNO

O Districto Federal — Feriados de 20 de Janeiro e 20 de Setembro

Comece a professora recapitulando os conhecimentos geographicos já adquiridos sobre a cidade do Rio de Janeiro, tornando conhecida a situação do Districto Federal, limitado pelo Estado do Rio de Janeiro e o mar. Fale como foi descoberta a bahia do Rio de Janeiro ou de Santa Luzia, cobiçada logo pelos Francezes, que nella se estabeleceram; nos esforços dos Portuguezes para expulsal-os, infrutiferos primeiro, coroados de exito, finalmente, a 20 de Janeiro de 1567 — dia de S. Sebastião — em que se firma o dominio portuguez pelo anniquilamento dos Francezes invasores, razão do feriado municipal. Fale no desenvolvimento rapido da cidade, escolhida logo para séde do governo; na impossibilidade de continuar ella fazendo parte da antiga capitania, hoje Estado do Rio de Janeiro; no desmembramento da região para constituir o *município neutro*, que se tornou em *Districto Federal*, após a Republica. Diga que o Districto Federal é quasi um Estado (e o será mais tarde quando mudada a Capital do Brasil), autonomo, tendo governo e leis proprias. Diga que a lei que rege o Districto Federal foi decretada a 20 de Setembro de 1901, razão por que foi decretado o feriado dessa data.

5º ANNO

O homem primitivo e o homem civilizado

O homem, que pertence ao reino animal, constitue a especie humana, subdividida em muitas raças, cada qual differente das outras em certos caracteres, mas, todas, superiores ás diversas especies animaes, de que differem profundamente. A differença característica do homem, causa precipua da sua superioridade, está na intelligencia, na força espiritual portentosa que o faz buscar tudo quanto melhore a sua situação e lhe proporcione bem estar.

O animal só é conduzido pelo instincto; a intelligencia, a reflexão guiaram sempre o homem atravez dos tempos, fornecendo-lhe o material para a conquista do progresso.

Mostre a professora quanto é differente o homem de nossos tempos do antigo colono portuguez, este do selvicola; quanto o colono era já superior aos seus antepassados, fazendo notar em que atrazo viveram os antigos habitantes do planeta. O homem dos tempos remotos, o *homem primitivo*, pouco differenciava dos outros especimens animaes; o instincto da conservação levava-o a buscar a presa, o abrigo: caça, pesca, frutos, a arvore, a gruta. A intelligencia de que era dotado revelou-lhe planos e ardis para fugir aos perigos e obter conforto: armas, utensilios, vestes, casa.

Fale nas transformações por que passam essas invenções: o uso da pedra, do bronze, do ferro; nas modificações que essa evolução acarreta no vestuario, na alimentação, nos costumes. O homem, que vivia isolado, egoisticamente, fórma a *familia*, procura a collectividade, constituindo as *tribus*; deixa de ser *nomada*, fixa-se, torna-se lavrador ou pastor; faz leis, obedece a chefes, organiza-se em povo ou nação; tem segurança e comodidade: é *civilizado*.

O espirito intelligente que anima o homem é o factor dos progressos e beneficios que desfrutamos: locomoveis, aeroplanos, luz electrica, telephonia, telegrapho, etc., etc.

Mostre como a civilização modifica o homem na educação, na instrucção, nos costumes e até no physico.

M. A.

ARITHMETICA

Curso elementar

Entre as differentes disciplinas que constituem o ensino primario, nenhuma offerece tão grande facilidade ao trabalho de mestres e discipulos como a arithmetica: não dependendo de aptidão especial, como de intelligencia superior á inha mediana, antes, e ao contrario, exigindo o simples bom senso, a mera faculdade de induzir e deduzir a que a vida quotidiana obriga todo o individuo. Excepção feita dos mentecaptos, o estudo, da arithmetica chega a constituir agradável occupação ao espirito das crianças, que nelle se comprazem pela rapidez com que a assimilam, e pelo progresso decorrente de que se mostram envaidecidas.

Semelhante resultado, bem se compre-

hende, só pôde ser obtido pelo emprego de processos adoptados, que obriguem suavemente as crianças ao exercicio desse bom senso que se chama, tão expressivamente — senso commum — e a essa gymnastica mental, que vai adquirindo e accumulando idéas para alcançar certa construcção, que será depois como que desarticulada, separada nos seus varios elementos. Aliás, na aquisição de conhecimentos, não havendo outros caminhos que não os dous apontados, tudo quanto ahí fica declarado pôde resumir-se no seguinte: o ensino da arithmetica será rapido e facilimo, si fôr logico, si raciocinado, si conquistado pela intelligencia, e não puramente mecanca ou, quando muito — simples applicação de regras confiadas á memoria e della completamente apagadas, desde que cesse o seu uso durante periodo mais ou menos longo.

De como é facil ensinar e aprender a numeração e as quatro primeiras operações em menos de anno e meio lectivo, de modo a adquirir e firmar o conhecimento respectivo, já deu esta "Revista", noticia minuciosa nas lições relativas ao anno de 1921, que chegaram até á divisão de um numero composto por um simples.

No decurso dessas lições, tivemos ensejo de affirmar que o alumno do curso elementar — a criança, que não pôde ter preocupações a desviar-a do assumpto da aula — si é um individuo normal e si tem a felicidade de encontrar um verdadeiro professor, *estuda sempre* (no bom sentido da expressão que foi então explanada) de modo que, no caso de insuccesso, a culpa caberá inteira ao professor.

Parece-nos ter seguido até agora um caminho logico, faci le claro, á altura da intelligencia infantil, que através d'elle terá trabalhado, terá adquirido habitos de ordem, de methodo, ao lado da indispensavel *precisão da linguagem* que constitue um dos mais vantajosos resultados do ensino da mathematica no seu gráo preliminar.

Chegados a este ponto, convém, antes de completar o estudo da divisão, dar o ultimo desenvolvimento compativel com um curso elementar á numeração, para o que faltam apenas — a noção de *base*, que os alumnos já têm, mas sem lhe terem dado nome especial; as regras para ler e escrever qualquer numero inteiro, que devem formular por palavras suas e de accordo com os conhecimentos já obtidos e a leitura e

escripta de numeros que representem qual-quer importancia em dinheiro.

Mostrará depois o professor como concorrem com o processo natural de formação dos numeros — juntar sempre uma unidade ao ultimo numero formado — varios outros processos, dos quaes alguns já conhecidos dos alumnos. E' assim que, se precisarmos formar este numero de mil réis — oito por exemplo, dirá, podermos juntar a sete mil réis um mil réis, mas tambem seria possivel, juntar a cinco mil réis nossos tres que tomassemos por emprestimo, ou a quatro mil réis juntar outros quatro, ou de dez mil réis tirar ou separar dous mil réis, etc.

Os alumnos verificarão a exactidão do que lhes vai sendo ensinado, e o professor concluirá que — a todas as maneiras, a todos os processos de formar um numero, a todo o trabalho realizado sobre os numeros, donde resulta sempre a formação de um novo numero, dá-se o nome de *operação arithmetica*. Far-lhe-á ver que já de ha muito sabem effectuar varias operações arithmeticas, o que será confirmado por exercicios, em que os alumnos verifiquem a formação de novos numeros em singelas operações que já haviam aprendido.

Serão, então, ensinados os numeros que servem a designar cada operação e os dados e o resultado respectivo, mostrando o professor como esses nomes se ajustam á função, ao papel de cada um desses elementos na operação de que se trate.

Assim, explicados os termos — adição, parcellas e total — para o que serão tomados exemplos concretos, fará o professor a applicação do caso a exemplos variados, dando os elementos e pedindo os nomes, ou dando os nomes e pedindo os numeros correspondentes.

Imaginemos effectuada a operação

$$24 + 346 + 5 = 375$$

O questionario será:

- Que temos alli escripto no quadro?
- Uma operação arithmetica.
- Que nome lhe devemos dar?
- Somma ou adição.
- Por que?
- O numero 24 que vem a ser alli?
- E 346?
- E 5?
- Que nome devemos dar a 375?
- Por que?

Reciprocamente: — Qual o total na

operação alli escripta? — Qual a primeira parcella? Etc., etc.

Continuando, ensinará o professor os termos: — subtracção — mostrando a sua propriedade a designar a operação correspondente; — minuendo ou diminuendo — diminuido de algumas de suas unidades; — aquelle que vai ficar menor ou que vai ser resto — o que fica de alguma cousa depois que se lhe tira uma parte; — subtrahendo — o que vai ser subtrahido, o que vai ser tirado.

Exemplifique, com casos da vida diaria, e faça os indispensaveis exercicios, como para a somma.

Analogamente, procederá com a multiplicação e a divisão, sendo que relativamente a essta ultima, considerada que foi apenas como operação destinada a distribuir uns tantos objectos por uns tantos individuos, o quociente será dado como o quinhão, a parte, a quota que cabe a cada um.

Estes conhecimentos, sua recapitulação, exercicios e problemas correlativos, preencherão o tempo restante do segundo anno.

Vejamos em rapidos traços o primeiro anno: — Operações arithmeticas, seu fim, sua classificação.

— A classe já sabe, do anno anterior, que — operação arithmetica é todo e qual-quer processo para formar numeros; sabe tambem que o processo espontaneo ou natural consiste em juntar sempre a unidade ao ultimo numero formado, o que, sendo sempre possivel, leva á conclusão de que os numeros formam uma série illimitada, pois que — por maior que seja um numero — sempre se lhe póde juntar uma unidade e obter assim um numero ainda maior. Entretanto, em vez de juntar uma unidade apenas a qualquer numero inteiro, podemos juntar-lhe, logo, duas, tres... quantas quizermos, donde se conclue que ha uma operação arithmetica, que fórma numeros juntando a um numero dado — uma ou mais unidades. Seu nome, já conhecido e explicado é — adição.

Mas, é tambem possivel juntar a um numero dado sempre o mesmo numero de unidades; por exemplo, a 3 juntar sempre 3, tantas vezes quantas quizermos.

$$\text{Assim: } 3 + 3 + 3 + 3 + 3.$$

que a classe já sabe ser o mesmo que 3×5 .

Esta operação, já conhecida, é denominada, com muita propriedade, como já foi ensinado — multiplicação.

Finalmente, poder-se-ia juntar sempre o mesmo numero de unidades, mas um determinado numero de vezes e não tantas quantas quizessemos; assim, juntar sempre 3 unidades, mas só 3 vezes; depois, só 3 vezes o numero assim obtido, o que equivale a ter 3 vezes (3×3) e, assim, sucessivamente.

Esta operação, que os alumnos ainda não conheciam, mas que o professor fará vêr que não é mais do que uma multiplicação, em que os factores são todos iguaes, é denominada — potenciação ou elevação á potencia.

O professor pedirá aos alumnos que vejam si é possivel juntar unidades por outra maneira, por modo differente dos que fôram apreciados no decurso da lição. A resposta será naturalmente negativa; no caso de hesitação, fará rapida revisão dos processos indicados, para ficar provado que não se podem juntar unidades sinão por algum dellas. Acrescentará, então, que taes operações se dizem — operações por *composição* — porque compôr — quer dizer — pôr junto, reunir. Effectivamente, o trabalho realizado sobre os numeros consistiu em juntar, reunir unidades.

Escreverá no quadro negro:

Operações arithmeticas	por composição	}	adição
			multiplicação potenciação ou elevação á potencia

Continuando, lembrará o processo empregado pela subtracção e pela divisão; mostrará que ainda é possivel tirar sempre o mesmo numero de unidades, mas um determinado numero de vezes e não á vontade.

Esta operação ainda desconhecida dos alumnos denomina-se — radiciação ou extracção de raiz.

Explicará que taes operações, por isso que tiram, separam unidades que estavam reunidas em um só numero, são chamadas — operações por *décomposição* — visto que

— decompôr — quer dizer — separar aquillo que estava reunido, que formava um todo.

Concluirá então o quadro synoptico já começado, do seguinte modo:

Operações arithmeticas	por composição	}	adição
			multiplicação potenciação ou ele- vação a potencia
Operações arithmeticas	por decomposição	}	subtracção
			divisão radiciação ou extracção de raiz

Com o quadro á vista, serão chamados alumnos para expôr a lição.

Se a classe revelar pleno conhecimento do assumpto, mostrará o professor como é possivel grupar as operações arithmeticas de outro modo; fará vêr que — a adição *junta* uma ou mais unidades e a — subtracção *tira, separa* uma ou mais unidades — procedendo portanto em sentidos oppostos, contrarios, exactamente como duas pessoas que partissem do mesmo ponto e fizessem caminhos perfeitamente iguaes, mas uma para a direita e a outra para a esquerda. Podemos pois formar com ellas, dirá, *um par* de operações, duas operações que se associam e das quaes uma por força se ha de valer da outra; e como não é possivel separar senão o que estava junto, é evidente que a adição deve ser, é forçoso que seja estudada em primeiro logar; e que a subtracção, que lhe é contraria, que desfaz o que a adição fez, venha logo após, valendo-se do conhecimento pleno d'aquella primeira operação.

Como exemplo de que — não se póde desfazer, sem destruir, sem estragar, senão aquillo que se sabe como foi feito, lembrará a mestra de meninas os trabalhos de *crochet*, de tapeçaria, etc., que pódem ser desmanchados com aproveitamento do fio e do tecido por quem saiba fazer o trabalho; o ignorante no trabalho deitaria tudo a perder. O desmonte de uma machina qualquer só póde ser feito, sem inutilisal-a, por quem lhe conhecer as differentes peças e a maneira por que se ajustam umas ás outras.

Estas e outras considerações e exemplos levarão o professor a collocar no quadro synoptico a organizar — primeiro, a adição

que denominará — operação directa — e em segundo logar a subtracção que denominará — operação inversa — ficando claramente subentendido que é inversa á primeira.

Analogamente procederá com os outros dous pares de operações, sempre obrigando os alumnos a se externarem. No fim da lição estará escripto no quadro negro:

Operações arithmeticas

- | | | |
|-----------------------|--------|---------------------------|
| 1º par | } | adição (op. directa) |
| | | subtracção (op. inversa) |
| | 2º par | } |
| divisão (op. inversa) | | |
| 3º par | } | potenciação (op. directa) |
| | | radiciação (op. inversa) |

A' vista do resumo acima, serão chamados alumnos a expôr a lição.

Compreende-se que no inicio do 3º anno de estudos já é possível exigir dos alumnos uma singela exposição: parallelamente á arithmetica terão aprendido a lêr correntemente, a construir phrases, organizar sentenças, expôr pequenos contos ou factos quaesquer, verbalmente e por escripto, e os conhecimentos, todos o sabem, auxiliam-se mutuamente.

Na proxima vez trataremos do estudo elementar das quatro primeiras operações sob o ponto de vista abstracto.

(Continúa).

O. C.

—): (—

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

Balanças

Na ultima lição, tratámos de... que? — Sim, tratámos das alavancas. Agora, conversaremos acerca da principal applicação das mesmas, isto é, fallaremos das balanças.

Mas, que é uma balança? — E' um aparelho destinado a effectuar a comparação dos diversos pesos, e que nenhum de vocês desconhece.

Entretanto, não sei se já repararam, nem todas as balanças se semelham: ha varios typos.

Façamos um ligeiro estudo dos principaes.

Balança ordinaria — Começemos pelo mais simples, pelo mais vulgar e que, por isso mesmo, é chamado balança ordinaria.

Examinemos attentamente este, aparelho. Vejamos de que se compõe.

A peça essencial, como estamos vendo, é esta — uma barra rigida denominada travessão, movel no seu meio em torno de um eixo horizontal.

Aqui, acima do eixo, não vêm vocês esta peçazinha, dividindo o travessão em duas partes iguaes? Pois bem, esta pequena haste é chamada fiel.

Carlinhos, você não me poderá dizer qual a posição do fiel?

Muito bem, elle se conserva verticalmente acima do eixo de suspensão.

Sabem que nome recebe cada uma das partes em que o fiel divide o travessão? — braços da balança.

Mas, são essas as unicas partes que formam este aparelho? — Não, delle ainda fazem parte duas peças importantes, os pratos, que se acham suspensos a cada braço.

Comparando esses pratos, que verificamos? — Justo, são perfeitamente iguaes, não só em tamanho mas, tambem, em peso.

Colloquemos um corpo qualquer, este livro, por exemplo, num dos pratos da balança. Que observamos? — O peso do livro fez baixar o prato em que elle se acha e, por conseguinte, o braço a que o mesmo está suspenso, e levantar a outra extremidade do travessão, não é assim?

E o fiel continúa a conservar a posição vertical? — Não; vemos que tambem elle se desviou do logar em que se achava.

Ponhamos, agora, este envolucro no prato vazio. Que verificamos? — O travessão e o fiel voltam ás posições primitivas, isto é, restabelece-se o equilibrio. Mas, sabemos que a balança nada mais é que uma alavanca de braços iguaes, logo, si ella está em equilibrio é porque, evidentemente, o envolucro pesa tanto quanto o livro.

Qual a conclusão que dahi tiramos? — Para que a balança fique em equilibrio, é indispensavel que os seus pratos sustentem pesos iguaes.

Sim, a balança só estará em equilibrio

quando os pesos collocados nos seus pratos forem rigorosamente iguaes.

Graças a esse conhecimento, podemos determinar o peso de uma substancia qualquer. Para isso, basta que o corpo destinado a restabelecer o equilibrio, seja, em logar de um peso desconhecido, um graduado.

Por exemplo, si quizermos saber quanto pesa o livro, é bastante substituir o envolucro por um peso marcado (um bloco de latão graduado em grammas).

Assim procedendo, que é que constatamos? — Exactamente; verificamos que o peso do livro é de meio kilogramma?

(Faça, o mestre, um grande numero de exercicios analogos a este, medindo e fazendo medir, repetidamente, até que todos os alumnos estejam bem familiarizados com as noções dadas.

As longas exposições abstractas devem ser completamente banidas; são, em geral, mais nocivas do que uteis ás crianças).

Não devo terminar essa lição sem dizer-lhes que, uma balança, para ser boa, deve satisfazer a duas condições: 1º, ser exacta; 2º, ser sensivel.

Mas, quando é que se diz que uma balança é exacta? — E' exacta, si o travessão permanece horizontal quando se collocam pesos iguaes nos dous pratos.

Para que uma balança seja exacta, é preciso:

1º, que os seus braços sejam rigorosamente iguaes.

2º, que o centro de gravidade esteja abaixo do ponto de suspensão.

E, quando é que se diz que uma balança é sensivel?

E' sensivel, quando indica a mais leve differença de peso.

Para que uma balança seja sensivel, é necessario:

1º, que os braços sejam longos e leves.

2º, que o centro de gravidade esteja o mais perto possível do ponto de apoio.

(Apresente e ensine o mestre, do mesmo modo, os outros typos de balança).

Balança de Roberval — Munido de uma balança de Roberval, faça vêr aos alumnos que, tambem, esta apresenta os dous braços iguaes, que, os pratos, ao invés de estarem suspensos ao travessão, estão collocados acima deste. Mostre como, não obstante, em nada differe no seu principio da balança ordinaria. Diga-lhes que o seu uso nos estabelecimentos commerciaes é enorme, devido á grande commodidade que apresenta.

Balança romana — Tratando da balança romana, comece por fazer ver aos discipulos que esse aparelho nada mais é que uma alavanca de braços desiguaes.

Fallando do seu uso, diga-lhes que é a mais antiga das balanças empregadas no commercio e que, mesmo ainda hoje, é encontrada em armazens, trapiches, etc.

Pesando e fazendo pesar varios corpos, faça com que os alumnos observem que o corpo cujo peso se procura determinar, é suspenso a um gancho existente no braço mais curto da balança e que, para estabelecer o equilibrio, deve-se fazer correr o peso movel ao longo do braço maior, até que o travessão tome a posição horizontal, como quando estava descarregado de ambos os lados.

Mostre, ainda, como deve ser avaliado o corpo — pela posição do peso movel.

Aproveitando a oportunidade, faça com que as crianças mais uma vez constatem que, quanto mais pesado fôr o objecto que deva ser avaliado, tanto mais longe do ponto de apoio deve ser collocado o peso movel.

Chame a atenção para a gradação existente no braço maior. Diga que ella indica os pontos em que deve ficar o peso para equilibrar 1, 2, 3, etc., kilogrammas.

Balança sensivel ou de precisão. — Não havendo uma na escola, apresente uma gravura, do contrario a lição se tornará improficua.

Explique o motivo da denominação — unica especie de balança que permite a avaliação das mais leves differenças de peso.

Chame a atenção das crianças para o longo comprimento dos braços, para a leveza do travessão e, pelo estudo feito sobre alavancas, facilmente comprehenderão que, por ser o equilibrio da balança o resultado da igualdade de dous productos, a apreciação de pesos diminutos só pôde ser feita si as massas actuarem sobre braços muito longos.

Faça ver, ainda, que a leveza do travessão é indispensavel, porque, do contrario, a balança não oscillaria facilmente.

Diga-lhes que os ourives e os pharmaceuticos não podem prescindir de tal aparelho.

Falle na caixa envidraçada que o protege contra a poeira e a agitação do ar no momento da pesagem; fale, tambem, no modo de evitar a oxydación das differentes peças de aço que entram na construcção desse aparelho.

E. B.

* * INDICAÇÕES UTEIS * *

MEDICOS

Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61—1º andar. Tel. 4625 C. Residencia: Bambina, 14—Tel. 2482, Sul.

Dr. H. Baptista Pereira — Clinica medica e molestias dos olhos. Cons. Rua Gonçalves Dias, 61. Tel. 6132 Central.

ADVOGADOS

Drs. André Faria Pereira, Raul de Faria e

Octavio Tarquinio. — Ouvidor, 90, 1º andar, Tel. 3258 Norte.

Dr. Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.

Dr. Virgilio da Silva Paiva — Becco das Cancellas, 11 — Das 11 ás 12 e das 3 ás 5. Tel. 6599 Norte.

Atelier de Costura de Zulmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

CASA DAS NOVIDADES

LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10 %

38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38



O que o doente sente com o uso do "ELIXIR DE INHAME"

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar

O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

Depura — Fortalece — Engorda

Chocolatè e café só

ANDALUZA

FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO

PALLIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas. As **Pilulas Fortificantes** do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. Vendem-se nas pharmacias e drogarias

AGENTES GERAES:

CARLOS CRUZ & C.

1, Rua São Bento, 1

RIO DE JANEIRO

OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defeito da vista
Apparelhos Photographicos e Accessorios.
LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

A **Dentição das Crianças**



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Grátis
Associação Central Brasileira dos Cirurgiões Dentistas
Av. Rio Branco, 142

S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120

ULTIMA NOVIDADE

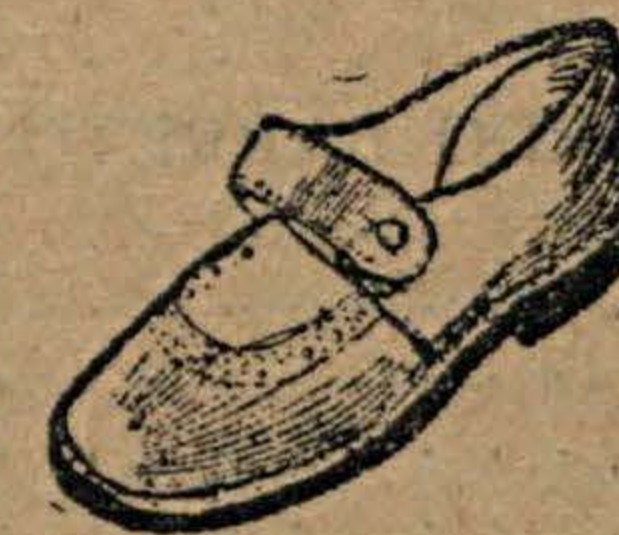


Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000
De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos **ALTIVA**, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da **CASA GUIOMAR**, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000
De 27 a 32 6\$300
De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remetem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios.

Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graeff & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

::

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$500
2º Livro de Leitura	\$800
3º Livro de Leitura	\$800
4º Livro de Leitura	\$800

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	3\$000
2º Livro de Leitura	3\$000
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	1\$500
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULÇÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos Principios de Leitura	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte	2\$000
Guia da Infancia, 2ª parte	2\$000
Guia da Infancia, as 2 partes	4\$800
O 1º livro de André 1ª parte	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO — Conto Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$000
CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.	4\$000

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar	3\$500
---	--------

TANCREDO AMARAL

Livro das Escolas	3\$000
-----------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	5\$000
-------------------------------	--------

ENGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	5\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA — Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis	3\$500
L. FERNDINAND — Lyra das Crianças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil

Empreza Brasil Editora — Rua Senador Dantas, 105